



Combatente

Trimestral – Edição 376 – Junho 2016 – 2€

www.ligacombatentes.org.pt

O Presidente connosco



As nossas residências para seniores

Vida dos Núcleos

9 de abril estivemos com os nossos heróis

8

II Jornadas de apoio médico e psicológico



11

Encontro Nacional de Combatentes em Fátima



14

Residências para séniores são um sucesso



Combatente

Edição n.º 376
Trimestral
Junho 2016

Proprietário e Editor:
Liga dos Combatentes
Rua João Pereira da Rosa, 18
1249-032 Lisboa
Tel.: 213 468 245
Fax: 213 463 394
geral@ligacombatentes.org.pt
NIPC/NIF 500816905

Diretor:
Presidente da Direção Central
Joaquim Chito Rodrigues
Conselho Editorial: Direção Central
Diretor Executivo: Hélder Freire

Edição online e gestão de informática:
Jorge Martins

Publicidade:
Elisabete Caboz
Tel.: 21 386 90 41 / 91 774 86 89

Secretariado:
Anabela Rodrigues
anabelarodrigues@ligacombatentes.org.pt

Design:
Ricardo Nogueira

Execução gráfica:
Xis e ére, Lda.
Rua José Afonso, 1 - 2.º Dto.
Laranjeiro 2810-237 Almada
Tel.: 218 023 794
xer@netcaboz.pt

Revisão:
António Costa

Impressão:
Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes
Tel: +351 225 193 400
Telm: +351 966 930 401
www.multiponto.com

Expedição:
Translista, Lda.
Rua Miguel Bombarda, 9
Queluz de Baixo
2745-124 Barcarena
Tel: 214 266 886
Fax: 214 266 887
translista@ip.pt

Tiragem:
50.000 exemplares

Depósito Legal:
210799/04
ISSN - 223 582
ICS - 101 525

editorial



Joaquim Chito Rodrigues
General
Presidente da Direção Central

O Consenso: Uma Política e uma estratégia

neralizada das suas orientações e desempenho.

Ao nível da Defesa Nacional, os seus discursos em Mafra, no dia do seu primeiro contacto com as Forças Armadas como Comandante Supremo, na Batalha, no Dia do Combatente, onde fez questão de estar presente homenageando os antigos combatentes, no Dia de Portugal, no Terreiro do Paço, no Museu do Combatente em Belém, bem como em Richebourg ou Lacouture, onde homenageou os combatentes caídos na Grande Guerra, foram intervenções de profundo sentido patriótico e de reconhecimento da histórica missão das Forças Armadas e dos antigos combatentes, geradores de consenso generalizado em torno das suas declarações, afirmações e conceitos.

A Liga dos Combatentes sentiu-se muito honrada com a presença do Presidente de Honra do seu Conselho Supremo nesta cerimónia anual e tradicional no Mosteiro da Batalha, hoje Panteão Real e Património Imaterial da UNESCO, onde repousam os restos mortais de dois soldados desconhecidos caídos durante a Grande Guerra, bem como na visita que fez à Capela e Memorial do Combatente em Belém, não deixando de, em França, visitar os lugares onde se encontram inúmeros os Combatentes da Grande Guerra.

Mas Consenso não significa procura da unanimidade. Significa cedência das partes por forma a chegar-se a uma solução que seja aceite e depois defendida por todas essas partes, em processo de decisão.

Ao paradigma do Consenso opõe-se o paradigma do Conflito. No primeiro a solução sai da cedência e compreensão das partes. O segundo

entende que os conflitos no sistema são geradores de valores e de aprimoramento e não de criação de problemas.

Atuemos no âmbito do paradigma do Consenso, por forma a que a procura do Consenso preceda a decisão a tomar. Incentivemos a participação. Criemos sentido de responsabilidade individual. Desenvolvamos a cooperação. Enfim envolvamos cada vez mais pessoas para desenvolvimento da melhor solução.

Talvez assim consigamos que "no dia a dia haja um consenso tácito", um consenso que "não exige assinatura" e na condução da coisa política reconheçamos que é importante uma "convergência de posições" cuja "concretização se não faz de um dia para o outro" mas exige o "entendimento em várias áreas" da governação.

No que se refere aos combatentes existe um consenso tácito entre estes, a Pátria e o Povo. Importa procurar alargar o consenso sistemático entre estes setores da vida nacional e quem os governa, bem como com quem deve dar visibilidade aos seus valores e aos seus problemas que importa sejam resolvidos com o apoio de todos os responsáveis.

Nós membros da Liga dos Combatentes continuemos a trabalhar no nosso dia a dia para a constituição de consensos que contribuam para a resolução dos nossos problemas quer individuais, quer institucionais, quer do país como um todo. Sejamos parte ativa na construção de consensos apresentando os nossos argumentos.

Como já tenho afirmado façamos do otimismo uma arma. Agora, do Consenso uma atitude. ■

Em tempo

Devido ao enorme volume de colaboração dos Núcleos, o que só demonstra a vitalidade dos mesmos, foi-nos impossível publicar todos os contributos nesta edição. Com as nossas desculpas, fica a certeza de que publicaremos tudo na próxima edição.

Fundo Liga Solidária Donativos - NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8

Do antecedente	27.085,12 €
Venda de vinhos.....	243,50 €
Anónimo em 11-03-2016.....	50,00 €
Núcleo de Setúbal	29,00 €
Núcleo de Sesimbra (29-01-2016).....	50,00 €
Associação de Prisioneiros de Guerra	100,00 €
Carlos António FR.....	20,00 €
Anónimo de 26-04-2016.....	50,00 €
Manuel Nunes Castelão.....	100,00 €
Roquevale	599,25 €
Cor. Cruz Silva.....	50,00 €
António Machado	40,00 €
Marcos D. Lopes	100,00 €
Saldo passa a	28.531,87 €

Nota

Devido à extensão dos donativos, a listagem completa encontra-se na página da internet da Liga dos Combatentes <http://www.ligacombatentes.org.pt/>



Assembleia-Geral da Liga dos Combatentes

No passado dia 28 de abril decorreu mais uma Assembleia-Geral da LC; a convocatória foi remetida em devido tempo, a todos os membros que compõem a Assembleia (Conselho Supremo, sócios honorários e Núcleos), cuja presença significativa emoldurou e encheu o Salão Nobre da Liga dos Combatentes, o que muito nos honra!

Da ordem de trabalhos constavam quatro pontos:

- 1) Aprovação do relatório de actividades e contas do ano de 2015;
 - aprovado por unanimidade e aclamação.
- 2) Eleição de Membros para o Conselho Supremo;
 - foram propostos pela Direção Central da LC, e eleitos para os lu-



gares vagos no Conselho Supremo da Liga, os seguintes membros: (i) Tenente General - Alexandre Maria de Castro Sousa Pinto; (ii) Contra-Almirante - José Luís Leiria Pinto, (iii) General - Aurélio Benito Aleixo

- Corbal; (iv) Tenente - General - Fernando de Sousa Rodrigues;
 - aprovado por unanimidade.
- 3) Autorização para alienação de imóvel, inscrito pelo art.º 2239.º e descrito pelo n.º 114, na freguesia da Senhora da Saúde, no concelho de Évora;
 - aprovado por unanimidade.
- 4) Alteração do valor da quota anual de €18,00 para €20,00;
 - este ponto mereceu várias intervenções dos Núcleos (pelos seus representantes); esgrimidos os vários pontos de vista, que basearam nas múltiplas situações vividas e debatidos os argumentos – próprios e inerentes à vivência particular dos associados e área em que o Núcleo se insere –, foi submetido à votação, após o que a proposta foi aprovada por esmagadora maioria: 53 votos a favor; 5 votos conta e 1 abstenção. ■

Novos Membros do Conselho Supremo

- General Aurélio Benito Aleixo Corbal, sócio n.º 124.994
- Tenente-General Fernando de Sousa Rodrigues, sócio n.º 172.358
- Tenente-General Alexandre Maria de Castro Sousa Pinto, sócio n.º 151.170
- Contra-Almirante José Luís Leiria Pinto, sócio n.º 43.155

Em reunião do Conselho Supremo de 28 de abril de 2016, foi eleito de entre os Membros Efetivos, como Presidente do Conselho Supremo o Tenente-General Baltazar António de Moraes Barroco, sócio n.º 121.411 e como Secretário o Professor Doutor Luís Aires Botelho Moniz de Sousa, sócio n.º 38.569.

A visita do Presidente

A convite do Presidente da Liga dos Combatentes, General Chito Rodrigues, o Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, acompanhado do Ministro da Defesa Nacional, Dr. Azeredo Lopes e do Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, General Pina Monteiro, fizeram uma visita ao Museu do Combatente / Forte do Bom Sucesso em Belém



Presentes os restantes elementos da Direção Central da Liga dos Combatentes, Vice-Presidente General Fernando Aguda, Secretário Geral Coronel Lucas Hilário, Vogais Arquitecto Eduardo Varandas, TC António Porteira, TC José Pires Martins, Cor Carlos Chambel, TC Álvaro Diogo e Comandante Filipe Macedo.

Após cumprimentos oficiais o Presidente da República, cumprimentou o grupo de música e dança da escola Sinfonias e Eventos que o recebeu com música e se despediu com dança, tendo-se de seguida dirigido ao espaço preparado para a Semana de Portugal da Liga dos Combatentes com venda de livros, vinhos, postais e diversos artigos, tendo adquirido diversos exemplares da edição Fim do Império da Liga dos Combatentes numa parceria com a Câmara de Oeiras e Comissão de História Militar.

De seguida foi a visita à Capela do Combatente do Ultramar e Memorial, que foram inaugurados nas cerimónias do dia 11 de Novembro de 2015, e onde está depositada a ossada de um soldado desconhecido caído na Guiné ao serviço de Portugal, sendo seguidamente recebido com toda a comitiva no gabinete do General Chito Rodrigues, onde após apreciação dos quadros de todos os Presidentes da

Liga dos Combatentes, recebeu ofertas comemorativas da visita por parte do Presidente da Liga que proferiu algumas palavras de apreço, sendo que o Presidente da República é sócio benemérito da Liga dos Combatentes.

O Presidente retribuiu com uma agradável menção ao trabalho do General Chito Rodrigues e de toda a instituição em prol dos combatentes de todos os tempos, concluindo este intervalo de tempo com a assinatura do Livro de Honra da Liga dos Combatentes.

Seguiu-se a visita às diversas exposições do Museu, começando pela A Trincheira, Grande Guerra ao vivo evocando a paz, e a exposição da Armaria, tendo oficialmente inaugurado a exposição "Angola a Branco e Preto" de Neves e Sousa, escritor, pintor e poeta.

No percurso de saída visitou todos os paiolins das Forças Armadas e de Segurança, a exposição da História da aviação no séc. XX ficando surpreendido com os cerca de 500 modelos de aviões em escala construídos pelo Eng.º José Sardinha que doou a exposição ao Museu há 7 anos e continua a fazer a sua manutenção, visitando com interesse as restantes exposições referindo a história da Liga dos Combatentes, grande guerra, operações de paz, arte das trincheiras, finalizando com a exposição dedicada aos Combatentes do Ultramar.

Observou com atenção os quadros ilustrativos das diversas condecorações nacionais patentes no Museu do Combatente, tendo à despedida assistido a um momento de dança dos alunos da escola Sinfonias e Eventos. ■



II Jornadas de “Apoio Médico, Psicológico e Social”

A Liga nesta área dos cuidados de saúde e apoio psicossocial tem trabalho realizado com muita qualidade e tornou-se uma instituição de referência Nacional, regional e local no apoio de proximidade aos combatentes

As segundas jornadas organizadas pelo Centro de Estudos de Apoio Médico, Psicológico e Social (CEAMPS), propunham-se a constituir um espaço de partilha de experiências, bem como, uma reflexão sobre as experiências vividas pelos combatentes e pelos seus familiares, no sentido de estabelecer uma visão mais alargada e integrada da ponta do iceberg constituído pela perturbação do Stresse Pós Traumático, ou “Stresse de Guerra”.

Conduzidos ao interior da temática, através das intervenções apresentadas nestas jornadas, foi proporcionada a atualização do estado da arte sobre o apoio médico, psicológico e social prestado aos Combatentes, gerando-

-se momentos de aquisição do conhecimento sobre a matéria – que não sendo nova – nunca é repetitiva nos conceitos trazidos a debate público.

Em 2004, no âmbito do Programa Estratégico “Cuidados de Saúde”, foi criado o CEAMPS que veio a desenvolver os seus trabalhos para em 2008 passar a uma ação prática através da criação dos Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS).

Oito anos após a sua implantação podemos dizer que esta estrutura nacional da Liga dos Combatentes é consistente, numa ligação entre a parte técnica e a estrutura de terreno assente nos Núcleos e nos seus delegados sociais.

Os Combatentes e as suas Famílias beneficiam de todo o empenho da Liga para responder às necessidades a que o Programa Estruturante “Cuidados de Saúde e Apoio Psicossocial” se propõe.

É por isso que se concretizaram estas jornadas, que permitiram aferir resultados e transmitir experiências, esperando a Liga estar ao lado dos Combatentes e dos seus familiares nos momentos

em que as suas capacidades e as dificuldades a ela associadas, e a falta de autonomia, requeiram que alguém os informe, os aconselhe, os encaminhe e os acompanhe no Apoio Médico Psicológico e Social que for necessário, para que a vida continue a ter sentido e com a dignidade a que têm direito.

Estas II Jornadas constituíram uma partilha de conhecimentos e experiência de vários tipos de abordagens e metodologias de trabalho prático de apoio aos combatentes e seus familiares que sofrem e precisam da nossa ajuda.

A sessão de abertura foi presidida pelo Sr. General Presidente da Liga dos Combatentes referindo que a nossa estrutura é reconhecida externamente e na generalidade pelas Instituições do País, e localmente com os Núcleos e as parcerias na Rede Social Local, e que o envelhecimento associado às deficiências e incapacidades colocam dificuldades e desafios acrescidas aos próprios e aos seus cuidadores. A fragilidade aumenta e agrava-se, sendo um dos maiores desafios do presente e do futuro imediato. A esta cerimónia

de abertura associou-se o Sr. Bastonário da Ordem dos Psicólogos Portugueses que enalteceu o extraordinário trabalho que a Liga dos Combatentes tem efetuado no apoio psicológico aos combatentes.

Seguiu-se o painel de abertura com “Uma visão clínica dos combatentes” onde tivemos a oportunidade de ouvir as intervenções do Prof. Doutor João Hipólito, Doutor Reis Lima e o Doutor Margalho Carrilho. Possibilitaram, através das palestras proferidas, recolher dados sobre experiências clínicas de vida dos Combatentes, experiências tendentes a ajudar pessoas que sofrem, quer física, quer psicologicamente, contidas ou não “no catálogo das doenças” e que se arrastam por anos e anos com a afetação familiar que de-



las resultam. De seguida, o Professor Doutor António Correia, coordenador técnico nacional, partilhou o desenvolvimento do “Programa cuidados de Saúde e o apoio psicossocial e a sua rede de proximidade” evidenciando o trabalho realizado nos últimos 8 anos pela Liga, e não foram esquecidos os normativos: Lei 45/99 e DL 50/2000, bem como a Rede Nacional de Apoio, o Protocolo celebrado pela LC com o MDN e os Protocolos celebrados pela LC com os Estabelecimentos de Ensino Universitário, com a Ordem dos Psicólogos Portugueses e com o IIEFP no âmbito dos estágios profissionais.

Posteriormente, no 1.º painel, com o tema “Apoio social e redes de proximidade”, foram ouvidas as experiências dos vários núcleos que com o CEAMPS trabalham. O representante do Núcleo de Penafiel, aduziu a comunicação “O nosso apoio social” onde partilhou as suas atividades de cariz representativo, social e apoio médico. O representante do Núcleo de Abrantes, proferiu a comunicação “Rentabilizar os recursos de cada comunidade, para Apoiar, Incluir e Capacitar; Quem Somos e onde Estamos; atividades com os Associados; relação com equipa do CAMPS Lisboa; parcerias e protocolos com a Rede Local de Intervenção Social”. O representante do Núcleo de Leiria, apresentou a comunicação sobre “Quem Somos, Localização, Sócios, Atividades de Apoio Médico, Psicológico e Social do Núcleo de Leiria, Protocolos, Preocupações, Projetos.” O representante do Núcleo de Reguengos, aduziu a comunicação “Apoio Social/Cuidados de Saúde e Recuperação Psicomotora na Clínica do Combatente” onde partilhou as atividades do Núcleo junto dos Combatentes e dos seus familiares, protocolos desenvolvidos, rastreios e colóquios na área da saúde e campanhas de angariação de fundos. Apresentou o Projeto da Clínica do Combatente e o Projeto de Recuperação Psicomotora. Concluiu-se que os Núcleos estabelecem uma relação fundamental com os CAMPS, efetuando-se a sinalização, triagem e acompanhamento individual dos Combatentes e Famílias referenciadas, numa clara preocupação de os apoiar no terreno.

Depois do almoço os trabalhos iniciaram-se com o 2.º painel, com o tema “Experiências dos centros de apoio médico psicológico e social”, onde tivemos a oportunidade de ouvir a experiência e as vivências dos CAMPS distribuídos por todo o território nacional. O CAMPS do Porto, Dra. Ana Teixeira, psicóloga clínica, apresentou a comunicação “Experiências e Crescimento” onde falou sobre as suas experiências com os combatentes e suas famílias, as suas aprendizagens e evolução. Salientou a importância das relações de pro-

ximidade com a população. O CAMPS de Lisboa, Dra. Liliana Manique, psicóloga clínica, abordou as necessidades e dificuldades dos Combatentes e suas famílias. Levantou várias questões sobre: Como intervir? Como combater o isolamento no idoso? Como promover hábitos de vida saudáveis? Deu como resposta o modelo das Missões de Proximidade no CAMPS, trabalho em equipa, intervenções e expectativas futuras. O CAMPS da Beira Interior, Dra. Martina Lopes, psicóloga clínica, apresentou a comunicação “A família dos Combatentes” salientando diversas dificuldades, psicológicas e sociais, dos Combatentes e suas famílias. Referiu a necessidade de um apoio próximo psicológico, individual e em grupo para os Combatentes e suas Mulheres. Do mesmo CAMPS, foi apresentada a comunicação “Camuflados Sociais - ver para além das aparências”, referindo o trabalho na identificação de casos e intervenção. O CAMPS de Beja, Dr. Alfredo Guerreiro, psicólogo clínico, partilhou a história do CAMPS 8, o trabalho realizado com os sócios utentes do CAMPS, mobilidade e a prestação de serviços clínicos de maior proximidade. O CAMPS da Ilha Terceira, Coronel Aurélio Pamplona, psicólogo clínico, apresentou a comunicação “Ações de Intervenção Sobre o Bem-Estar, Apoio e Desenvolvimento Psicológico: Por Aqui, Por Ali, Por Acolá” onde partilhou a sua experiência no apoio psicológico e diversas ações de sensibilização: Dormir ou Não Dormir Bem, Lidar com as Situações de Stresse, Fumar ou não Fumar, Beber ou não Beber, Saber Lidar com a Morte.

Seguiu-se o 3.º painel com o tema “Estudos e Investigação de suporte à prática clínica” onde, numa mesa recheada de peritos, foram sucessivamente abordando temas basilares e de suporte às várias intervenções dos técnicos que trabalham na LC. O Prof. Doutor Paulo Ferrajão, psicólogo clínico, que recolheu os dados em Combatentes para a sua tese de doutoramento, apresentou a proposta de um Modelo de Intervenção Biopsicossocial junto de Antigos e Novos Combatentes propondo: a avaliação ▶



► da exposição a acontecimentos traumáticos por vitimação e perpetração, a exposição cumulativa a stressores não-traumáticos; avaliação do sentimento de identidade, repertório de estratégias mentais utilizadas no coping do stress e da agressividade, e o sistema de valores internalizados. O Dr. Carlos Anunciação, psicólogo clínico, aduziu a comunicação “As Terapias de Terceira Geração na Prática Clínica – Terapia EMDR”, onde descreveu o conceito e a prática da Terapia EMDR e referiu a sua eficácia, reconhecida por várias Instituições de Saúde e Associações Internacionais. A Prof.ª Doutora Cristina Soeiro, apresentou a comunicação “A violência nas relações de intimidade: da prevenção à intervenção” onde abordou as diversas formas de violência perpetrada no contexto das relações de intimidade, as variáveis que explicam estas formas de violência e que permitem prevenir e intervir neste tipo de contextos de violência.

Foi vasta a gama de conhecimentos que foram proporcionados compreendendo melhor sobre o suporte à prática clínica, especialmente os modelos de intervenção biopsicossocial junto de antigos e novos Combatentes, bem como as terapias neuropsicológicas de 3.ª geração. Ou as abordagens mais assistenciais e psicossociais

a “casos perdidos” ao longo dos anos, revelam que existem diferentes tipos de abordagem a que os técnicos da Liga recorrerem com os seus saberes, dedicação e competências, conseguindo, tão simplesmente, ajudar pessoas que vivenciaram experiências traumatizantes de guerra ou as suas mulheres que vivem com os seus homens que regressaram da guerra diferentes a manter uma qualidade de vida o mais ajustada possível.

No dia seguinte, as jornadas continuaram com o 4.º painel com o tema “Trabalho desenvolvido em estágios na Liga dos Combatentes”, onde as estagiárias de psicologia da Ordem dos Psicólogos e de Serviço Social do IEFP partilharam a sua experiência de formação e desenvolvimento das suas competências para o exercício da sua profissão. A LC é já considerada uma entidade formadora de referência na área das ciências sociais e humanas.

O último painel foi destinado aos Grupos terapêuticos de combatentes e mulheres de combatentes, sendo constituído pelos psicólogos que trabalham com os combatentes, homens e mulheres onde foi possível partilhar as suas “experiências das terapias de grupo”. Os testemunhos de Combatentes e mulheres de combatentes espelham as vantagens e benefícios

conseguidos com este tipo de intervenção e ajuda psicoterapêutica.

Antes da síntese conclusiva efetuada pelo Sr. MGen. Fernando Aguda, foi celebrado o protocolo entre a LC e a Universidade de Évora, seguindo-se a sessão de encerramento presidida pelo Sr. General Presidente da LC.

Em síntese; as segundas jornadas da Liga dos Combatentes foi um espaço de aprendizagem e partilha de conhecimento e prática clínica. O reconhecimento pelo notável trabalho que a Liga dos Combatentes tem realizado no apoio de apoio médico, psicológico e social aos combatentes e seus familiares. Cumpre-nos agradecer a todos os que estiveram envolvidos quer na organização deste evento, como a todos os que decidiram participar e estar connosco nestas jornadas colaborando com as suas comunicações e testemunhos.

O que mais desejo salientar, foi a qualidade técnico-científica das comunicações, que em síntese abordaram a problemática dos Combatentes com necessidade de serem apoiados psicológica e integrados socialmente. Nesse âmbito sublinha-se o nível de apresentação dos profissionais mais novos e estagiários, que revelam o cuidado que tem havido com o seu enquadramento profissional. ■



I Encontro Nacional de Combatentes em Fátima

O dia nasceu carregado de negras nuvens. Previam-se fortes chuvas e trovoadas em todo o País. Foi assim, com tais previsões, que manhã muito cedo, muitos combatentes e famílias de todo o País, de Monção a Faro, se deslocaram confiantes, em direção ao centro de Portugal, para o I Encontro Nacional de Combatentes, em Fátima.

Milhares de membros da Liga dos Combatentes convergiram no Santuário pelas onze horas da manhã, onde um Sol radioso começou a negar as matutinas previsões e a irradiar o seu calor sobre o entusiasmo daqueles que decidiram participar nesta iniciativa.

A pouco e pouco, junto à Capela das Aparições, vão-se aglomerando combatentes peregrinos e vão-se desfaldando estandartes dos Núcleos da Liga dos Combatentes espalhados pelo País.

Cerca das onze e trinta horas um aguaceiro ameaçou e levou a dispersão de alguns que rapidamente voltam, até que pelas onze e quarenta



e cinco se organiza um cortejo com duas filas de cerca de meia centena de estandartes seguido de cerca de dois milhares de combatentes e famílias que se encaminharam para a Basílica da Santíssima Trindade. Cerca das 12h30, com a Basílica repleta de gente iniciou-se a missa celebrada por sua Excelência Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e de Segurança D. Manuel Linda e a participação do coro do Núcleo da Batalha.

Presentes o Presidente da Liga dos Combatentes, Gen. Chito Rodrigues,

Vice-Presidente Major General Aguda, O Secretário Cor. Hilário, o Secretário Ten. Cor. Diogo e o Vogal Arquitecto Varandas, bem como muitos Presidentes de Núcleos, funcionários e técnicos da Liga.

Jornada cheia de significado com resposta muito positiva da maioria dos Núcleos e seus membros e se constituiu numa iniciativa que, dado o seu êxito, aconselha a que se considere a sua organização anual, a nível nacional, com as adaptações consideradas úteis. ■

Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar!

Histórias de Moçambique

Cor. R. Cardoso
Cor. F. Diniz

Ao longo destes últimos anos do nosso passado recente – refiro-me ao pós Revolução de Abril – muitas têm sido as histórias de que vamos tendo conhecimento, relacionadas com o fim da Guerra do Ultramar e o processo de descolonização que Portugal levou a efeito.

Bastantes os escritos que nos têm sido disponibilizados sobre factos desse período. Muitas as imagens que têm passado nos ecrãs da TV.

De muitos dos episódios fomos por vezes seus atores; outros chegaram-nos por conversas e tertúlias de que fomos parte.

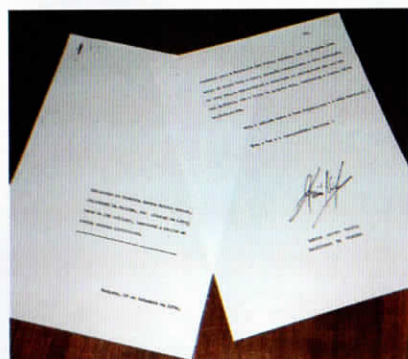
Algumas dessas ocorrências são mais do domínio público do que outras. Outras até desconhecidas, por intencionalmente omitidas à divulgação.

Numa recente cavaqueira de recordação do passado, tida com um sócio do Núcleo de Lisboa, vieram à liça alguns episódios ocorridos em Moçambique em 1974.

Não pude deixar de reter alguns, pelos seus contornos, caracterização e significado.

De forma breve e sucinta, faço menção a uma ação levada a cabo para resgatar um grupo de militares portugueses de uma companhia sediada em Omar, no norte de Moçambique, perto de Mocimboa do Rovuma, que haviam sido feitos prisioneiros por um numeroso grupo de guerrilheiros da Frelimo, em julho de 1974.

De referir que a captura dos militares foi feita após uma abordagem por um grupo de guerrilheiros que procurou captar as suas simpatias, dizendo que a guerra tinha acabado, para possibilitar a invasão da unidade por um bi-grupo de guerrilheiros que já tinham a zona cercada.



Numa longa e penosa caminhada, os militares foram levados a pé para a Tanzânia, para a zona de Nachingewa, onde a Frelimo tinha uma base militar.

O sócio do Núcleo, Coronel Fragoço Diniz, à época Capitão na reserva e Chefe de Gabinete do Alto Comissário Contra Almirante Victor Crespo, solicitou que lhe fosse consentido deslocar-se ao norte de Moçambique para levar a cabo diligências junto da Frelimo, tentando trazer consigo os militares portugueses.

O Capitão Diniz, solicitou a permissão para a deslocação, na medida em que se apercebeu que as diligências que estariam a ser feitas junto da Frelimo, com o dirigente Aquino de Bragança, lhe levantavam dúvidas sobre a celeridade e o empenho numa resolução do problema e também porque era seu entendimento que alguém militar devia coordenar a operação por os prisioneiros serem Oficiais, Sargentos e Praças do Exército Português.

Em setembro de 1974, um táxi aéreo, com a tripulação constituída pelos Srs. Edgar Pereira, António Marques e Victor Marques, partiu de Lourenço Marques para Porto Amélia com o Capitão Fragoço Diniz e o dirigente da Frelimo Aquino Bragança.

De Porto Amélia seguiram para a base de Mutwara, e porque se aperceberam de um certo impasse no desenvolvimento do fim em vista, decidiram

seguir para Dar-Es-Salam, onde foram bem recebidos pelos membros da Frelimo, designadamente pelo dirigente Marcelino dos Santos, que assumiu diligenciar com objetividade a libertação dos prisioneiros.

Com a garantia obtida, a delegação regressou a Nangade (Moçambique) de onde os prisioneiros entretanto transportados do campo de Nachingewa, na Tanzânia, foram evacuados de avião a 19 de setembro, durante o dia e a noite.

De salientar que a pista de Nangade não possuía o mínimo de condições para a operação dado o estado de degradação e sem luzes de sinalização, o que forçou à improvisação de uma iluminação artesanal com latas de que-rosene.

Só o elevado espírito de equipa e sentido de missão, face ao elevado estado de debilidade física e moral dos prisioneiros, permitiu que a tripulação do avião para a evacuação operasse com aquelas condições.

O apreço pelo esforço e coragem da ação foi reconhecido em louvor expresso pelo Alto Comissário.

Interessante é também o discurso do Presidente da Frelimo Samora Machel, no ato de entrega dos militares portugueses lido por Silva Vieira. O documento por ele assinado, foi entregue à guarda da Liga dos Combatentes, pelo Coronel Fragoço Diniz, através do Núcleo de Lisboa, no passado dia 15 de abril de 2016.

Dia 20 de setembro, os prisioneiros de Omar encontravam-se em território Moçambicano, podendo nesta data proceder-se à tomada de posse do governo provisório conforme determinação do governo português e constituído pela Frelimo e ministros portugueses.

É peça da história que importa preservar. ■

João Maria Ferreira do Amaral

Combatente e dirigente da Liga



Isabel Martins

João Maria Ferreira do Amaral participou nas reuniões do grupo fundador para a criação da «Liga dos Combatentes da Grande Guerra» e foi nomeado para Presidente da «Agência de Lisboa» no dia 16 de outubro de 1923.

Participou, como voluntário, na expedição de pacificação sob o comando do General Pereira d'Eça no sul de Angola, em 1915.

Depois na Flandres serviu nos postos de capitão, major graduado e major, desde fevereiro de 1917 até fevereiro de 1918. Integrado no CEP, comandou o Batalhão de Infantaria 15 (1916-1918) durante a I Guerra, pelo que foi condecorado pelos governos de França (Cruz de Guerra e Legião de Honra e Grã-Bretanha), os morteiros da 1.ª Divisão e o IX batalhão. Não quis nunca vir de licença a Portugal.

Marchou para França sem lhe competir por escala ou por escolha, mas simplesmente coagido por motivos de ordem pessoal e razões de ordem puramente militar.

Regressou de França depois da Primeira Grande Guerra, e seguiu para Angola, numa missão civil. Retornou em 1922, tendo sido promovido a Coronel.

Ferreira do Amaral, autor

Escreveu as seguintes obras, acerca da I Guerra Mundial:

A Mentira da Flandres e O Medo. Obra de referência sobre a Grande Guerra. A visão política e militar do conflito e da participação portuguesa, A Batalha do Lys e A Batalha de Arméniers. Com o pseudónimo de João Nin-guém escreveu também "O 9 de abril".



Ferreira do Amaral Na toponímia de Lisboa

O nome do Coronel Ferreira do Amaral foi inscrito na Rua A à Rua Barrão de Sabrosa, pelo Edital n.º 43/60 de 11/03/1960, na agora Freguesia da Penha de França com o texto «Heróico Combatente da Grande Guerra e Comandante da Polícia de Segurança Pública de Lisboa/1876 – 1931».

Ferreira do Amaral na PSP

A 23 de novembro de 1923, foi nomeado comandante da Polícia Cívica de Lisboa (a antecessora da Polícia de Segurança Pública) e destacou-se na repressão da Legião Vermelha, a qual, dois anos mais tarde, a 15 de maio, perpetrou um atentado em que é gravemente ferido. No leito do hospital, dirigiu a repressão que culminou com a prisão e o degredo para África de mais de cem suspeitos desse movimento.

Em 1923 foi nomeado comandante da Polícia Civil de Lisboa o Tenente-coronel José Maria Ferreira do Amaral. Pela primeira vez durante o período republicano a Polícia teria uma liderança forte, estável e carismática. Ainda hoje, quem se deslocar à Sala Nobre do Comando Metropolitano da PSP de Lisboa poderá ver com grande destaque as armas deste comandante e a sua imagem em tamanho consideravelmente maior ao dos outros comandantes da PSP também ali expostos...

Os relatos da época mostram um chefe mais operacional e menos político. A sua reputação, em parte mitificada, ficou a dever-se ao atentado que sofreu em abril de 1925... a Legião Vermelha, atacou o comandante da polícia no caminho entre sua casa e o Governo Civil, na esquina da Rua da Escola Politécnica.

O comandante ficou gravemente ferido, sendo transportado para o Hospital de S. José.

Com a fundação do Estado Novo, a partir de 28 de maio de 1926, desenvolve-se o movimento de providência social no seio dos diversos corpos distritais da PSP. Dentro do espírito da solidariedade mutualista, surge, em 1927, o Montepio da PSP de Lisboa, com o beneplácito do Coronel José Maria Ferreira de Amaral,

Ferreira do Amaral preocupou-se com o trânsito (1927) – histórica a regulação do trânsito no Rossio – primeiro com elementos da polícia a cavalo depois com guardas sinaleiros.

Os sinaleiros fazem parte das tradições de Lisboa, e a figura do sinaleiro da PSP foi característica, primeiro apeado e depois num pedestal. Foi em 1927 que o Comandante da Secção de Trânsito da PSP de Lisboa instituiu o sinaleiro «cabeça de giz» como então era conhecido, equipado com capacete, luvas e «cassetete» brancos, usando ainda a braçadeira vermelha com T que mais tarde passou a ser o distintivo das brigadas de trânsito.

Faleceu em 11 de março de 1931, em Lisboa, tendo sido homenageado tanto pela PSP como pelos combatentes da Liga dos Combatentes. ■



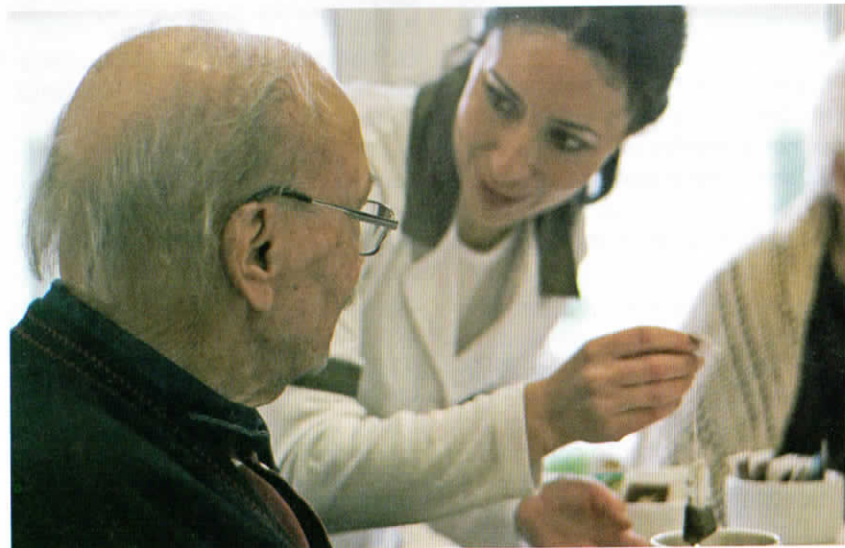
Residências para seniores são um sucesso

A Residência São Nuno de Santa Maria abriu as suas portas a 17 de dezembro de 2015 e tem desde o seu começo a preocupação de criar momentos de interação social entre os residentes e o exterior. A qualidade de vida dos idosos institucionalizados depende de um conjunto de fatores organizacionais e relacionais, estes fatores serão potenciadores de um maior bem-estar e satisfação com a vida nos idosos se houver a preocupação de se construírem pilares de confiança, transparência e afetividade em todas as vertentes de atuação de uma Estrutura Residencial para idosos.

Nesta base a Residência São Nuno de Santa Maria, através da sua equipa multidisciplinar intervém fomentando as boas práticas de trabalho ao nível dos cuidados com os seus residentes, com particular relevância no desenvolvimento de várias atividades recreativas e culturais. Neste sentido têm-se criado atividades de entretenimento e

para tal estabeleceram-se relações de cooperação com a Academia Sénior de Estremoz e Escolas do Concelho de Estremoz, de combate ao sedentarismo através da colaboração com o setor de desporto da Câmara Municipal de Estremoz, de partilha de experiências

e de aprendizagem de novos conhecimentos. O plano de atividades elaborado mensalmente comporta uma variedade de atividades, tais como, teatro, cinema, sessões de psicomotricidade, pequenos debates informativos, comemoração de datas importantes



(dia da mulher, dia do pai, dia dos Reis, entre outros), exposições, entre outras atividade que estimulam a participação dos residentes e aumentam a sua qualidade de vida.

Os registos fotográficos são bem ilustrativos da dinâmica até hoje praticada na nossa Residência. São desenvolvidas atividades de estimulação cognitiva e com carácter informativo, que decorrem semanalmente (pequenos colóquios, exercícios de atenção e memória, expressão plástica e psicomotricidade, etc.) entre outras de carácter lúdico (exposições de fotografia – fotógrafo de Estremoz, teatro, cinema, etc.).

Testemunho de uma Residente

Porque entendemos que se deve dar a conhecer a situação vivida na nossa Residência Sénior do Complexo Social Nossa Senhora da Paz, no Porto, apresentamos o testemunho de uma resi-

dente, retratando a sua vivência, sobre o modo como tem encarado esta nova fase da sua vida. Por isso, aqui fica esse testemunho na primeira pessoa.

Balço de Maria Laura Monteiro

«No decorrer deste mês tenho constatado que nesta residência o carinho e o amor preponderam a todo o momento. As refeições foram servidas com carinho e afeto aceitando sempre os nossos desejos dentro da capacidade e possibilidade da casa. As cozinheiras têm mostrado muito carinho na confeção das refeições e têm muita atenção às particularidades de cada um, procuram aproximar-se dos nossos gostos. A comida é agradável. Por vezes é-nos dado alegria nos excertos de música que os colaboradores nos cantam. Dão sempre a atenção devida aos mais frágeis.

Na assistência na higiene pessoal, na minha opinião, temos sido sempre



muito bem atendidos com todo o carinho e tendo sempre em conta as suscetibilidades de cada residente. A delicadeza e carinho com que nos tratam e o respeito que dedicam a cada um mostram não só a boa vontade como competência e profissionalismo. Os cuidados de enfermagem são-nos prestados sempre que necessitamos deles pela Enfermeira Carla que com um carinho e uma competência incomparáveis nos atende a qualquer momento prolongando por vezes o tempo de serviço que lhe é atribuído e que ela faz numa entrega e abnegação total.

As instalações são leves, simples e proporcionam-nos harmonia e felicidade. Estas são providas de aparelhos de televisão para que possamos passar tempo de entretenimento e atualização, mesmo quando não estão a decorrer atividades, para que estejamos a par de tudo o que se passa pelo mundo e também para que as pessoas mais incapacitadas de partilhar trabalhos mais minuciosos.

As instalações encontram-se devidamente organizadas e limpas, contudo por vezes o serviço atrasa em virtude de se ter ocupado o tempo com outra tarefa mais urgente, não por descuido pessoal, considero por isso que talvez fosse necessário mais um elemento.

A lindíssima Capela que esta casa tem é um lugar de encontro com Deus que nos dá não só o prazer como a paz que emana do Divino. Admiro muito o cuidado com que tratam o jardim que é um prazer para os nossos olhos e nos faz sentir um pouco mais de felicidade ao admirarmos a beleza da natureza graça que Deus nos proporciona.

Existe uma sala de jogos por vezes ocupada por aqueles com capacidades de raciocínio que lhe permite interessar-se por este passatempo e é de admirar o interesse com que o fazem.

Semanalmente é fixado um plano de atividades, sempre com uma variedade de atividades incrível, fazemos desde pintura em vários materiais até jogos de raciocínio, ateliês de culinária, jardinagem, atividades de contacto intergeracional e é também muito comum reutilizarmos materiais que muitos deitariam fora, mas nós com habilidade transformamos em objetos decorativos e até utilitários. Tudo isto graças à nossa Educadora Social Dr.ª Líliliana, menina de uma energia extraordinária, uma grande imaginação, sendo sobretudo extremamente carinhosa com todos aqueles que com ela colaboram. Por último a nossa Diretora técnica – Dr.ª Sónia Leite que foi muito bem escolhida para a função que desempenha não só pela sua capacidade como também pelo carinho com que trata todos os utentes desta casa de uma imparcialidade total e de uma entrega de coração». ■

Porto

Complexo Social Nossa Senhora da Paz da Liga dos Combatentes Rua Oliveira Monteiro, n.º 887 4050-446 Porto

Estremoz

Residência de São Nuno de Santa Maria da Liga dos Combatentes Estrada Nacional 18 – Às Quintinhas 7100-074 Estremoz



Evocação da batalha de La Lys

No ano em curso o 9 de abril de 1918, dia da Batalha de La Lys, foi evocado em 30 de Abril em Richebourg e La Couture.

Sob a presidência do Secretário da Defesa Nacional Dr. Marcos Perestrelo e com a presença do Embaixador de Portugal em França Dr. José Luís Morais Cabral, o Presidente da Liga dos Combatentes General Joaquim Chito Rodrigues e o Coronel do MILREP representante do General CEMGFA iniciou-se a cerimónia em Richebourg.

Pela parte francesa esteve a Sub-Perfeita de Calais e os Maires de Richebourg e La Couture.

Com uma guarda de honra de tropas francesas, a presença de bastantes delegações de Associações de Combatentes Francesas, dos Núcleos da Liga dos Combatentes em França, nomeadamente, Neille-sur-Sene, Roubaix, Lillers e Richebourg, com os seus estandartes, bem como uma significativa representação de militares portugueses em serviço em Bruxelas e Mons. Iniciou-se a cerimónia com o hino francês e o hino nacional, a que se seguiu uma prece religiosa e a colocação de coroas de flores pelas entidades presentes e numerosas associações.

Usaram da palavra o Maire de Richebourg e o Representante do General CEMGFA.

Seguidamente as entidades assinaram o Livro de Honra da Liga dos Combatentes.

Os participantes da cerimónia em Richebourg deslocaram-se depois para La Couture onde foi organizada a tradicional homenagem aos combatentes da Grande Guerra evocando igualmente o 9 de abril.

Com um momento de pausa na Mairie de Lacouture as entidades deslocaram-se depois para junto do Monumento de La Couture, Monumento oferecido pela Liga dos Combatentes (Comissão dos Padrões



da Grande Guerra) à cidade de La Couture, nos anos trinta, onde já se encontrava uma força do Exército Francês, as associações de combatentes com os seus estandartes. Após se ouvirem os hinos dos dois países e terem sido colocadas coroas de flores de homenagem, ouviram-se os toques aos mortos seguidos de um minuto de silêncio.

Usou da palavra o Maire de La Couture e o Secretário de Estado da Defesa Nacional.

Entidades e convidados dirigiram-se depois para o local de convívio onde houve oportunidade para a Liga dos Combatentes condecorar com a Medalha de Honra ao mérito as Senhoras Glória Marques da Fonseca e Sabina Marques da Fonseca que há cerca de 26 anos vêm apoiando a Liga dos Combatentes na organização das cerimónias evocativas do 9 de abril em Richebourg e La Couture

Seguiu-se um agradável almoço convívio onde não faltou o folclore português e a presença sempre disponível do Sr. Marques, representando a Associação Franco Portuguesa e o Núcleo local da Liga dos Combatentes. ■

Presidente homenageou militares mortos na Grande Guerra



O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa prestou homenagem, em La Couture, aos militares portugueses mortos na I Grande Guerra, tendo depositado uma coroa de flores no monumento ao Soldado Português, inaugurado em 1928 e intitulado "O Cristo das Trincheiras", uma escultura de pedra e de bronze da autoria de António Teixeira Lopes.

Recebido pelo Presidente da Câmara de La Couture, Raymond Gaquere, o Presidente da República, acompanhado pelo Primeiro-Ministro, António Costa, participaram na cerimónia de homenagem aos militares portugueses, que teve início com a intervenção do Presidente da Câmara de La Couture, da Secretaria de Estado da Biodiversidade, e do Primeiro-Ministro às quais se seguiu a intervenção do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa.

Após a deposição de coroas de flores pelo Sub-prefeito de Béthune, pelo Primeiro-Ministro e pelo Presidente da



República, foi executado o toque aos mortos e guardado um minuto de silêncio. A cerimónia terminou com a execução do hino nacional de Portugal e de França.

O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa e comitiva passaram ainda pelo

Cemitério Militar Português de Richebourg l'Avoué, onde se encontram sepultados 1831 militares mortos na frente europeia durante a I Guerra Mundial, muitos deles caídos a 9 de abril de 1918 durante a Batalha de La Lys. ■



Fomos à Batalha homenagear os nossos mortos

Como já sendo habitual a Liga dos Combatentes, celebrou o Dia do Combatente, no dia 9 de abril, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, evocando também, na mesma data, o 98.º aniversário da Batalha de La Lys e a 80.ª romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido. As cerimónias deste ano revestiram-se de grande significado pela circunstância de terem sido presididas pelo novo Presidente da República, Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa.

Do programa constou uma missa, de sufrágio pelos combatentes falecidos, celebrada pelo Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Manuel Linda, uma parada militar prestada por um Batalhão a três companhias, dos três ramos das Forças Armadas e a deposição de coroas de flores, pelas várias entidades convidadas, junto do túmu-

lo do soldado desconhecido, na sala do Capítulo. Estiveram também presentes, para além de diversas autoridades civis e militares, o Ministro da Defesa Nacional e o Secretário de Estado da Defesa Nacional, muitos combatentes seus familiares e público em geral.

Durante a Eucaristia, Sua Ex.ª Reverendíssima proferiu uma homilia na qual recordou a batalha de La Lys, para evocar os combatentes ao afirmar que muitos deles foram amigos, filhos, irmãos, noivos, maridos e porventura pais que sofreram e fizeram sofrer. Foram vidas concretas que a guerra truncou. "Não foram números, abstrações ou meras peças de rodagem, eram pessoas como nós, portadoras de idêntico sangue nas veias e de igual dignidade". Falou da Europa, no atual contexto da crise humanitária, para sublinhar que o velho continente con-

fiou à economia a tarefa da redenção, cortando com Deus e também com o homem. Citou Eduardo Lourenço para dizer que estamos em presença de uma Europa suicidária. Abordou o papel das nossas Forças Armadas e de Segurança e o contributo do seu papel dissuasor para a convivência entre os povos. "Apocá-las, denegri-las, desestabilizá-las ou minimizá-las é o mesmo que enfraquecer as causas da paz e abrir as portas à violência, à violação dos direitos humanos, ao terrorismo e à morte. Honramos os nossos soldados que já partiram se criarmos as condições para que os nossos militares e polícias possam continuar a prosseguir as tarefas de convivência pacífica, porque foram estes os valores que os levaram ao sacrifício."

No final da cerimónia religiosa, com as forças em parada foram proferidas

duas alocações, respetivamente, pelo Presidente da Liga dos Combatentes e por Sua Ex.ª o Presidente da República.

O General Chito Rodrigues, começou por se congratular com a presença do Mais Alto Magistrado da Nação, para de seguida se referir que aquele ato servia também para assinalar o centenário do fim da neutralidade portuguesa (9/3/16), sobre a entrada de Portugal na GG. Disse que não estavam ali para evocar a glorificação da Nação, penetrar nos meandros da razão, da culpa dos acontecimentos ou para apresentar visões sociais da história ou as diversas óticas políticas ou militares. Estavam ali para mais uma vez, cumprindo a tradição, evocar o soldado português ao longo da história e a sua participação na Grande Guerra. Glorificar o soldado, visitar a sua memória, o soldado despolitizado, cumpridor de missões na convicção do cumprimento do dever. O soldado que morrendo pela Pátria é colocado no altar pelos companheiros do lado. Evocou também aqueles que

se. Referiu os objetivos estatutários da Liga dos Combatentes, na promoção da história, do amor à Pátria e a defesa dos símbolos nacionais. Terminou a sua intervenção sublinhando ao PR e ao Governo o facto de com um novo Presidente e um novo Governo existir uma nova esperança por parte dos Combatentes por Portugal.

Na sua alocação o Sr. Presidente da República começou por afirmar que a Pátria Portuguesa foi-se constituindo com base em memórias de fronteira desenhadas com honra, com espírito de sacrifício, com sentido do dever, com lealdade e bravura. Mais adiante salientou que Portugal nasceu no regaço dos soldados, viveu a sua infância e juventude ao abrigo e cuidado dos combatentes e assim se fez nação. "O combatente anseia pela paz, luta pela paz, pois mais do que qualquer outro conhece o horror da guerra e carrega no seu íntimo as feridas mais profundas e as cicatrizes mais devastadoras. A recordação transforma-se em ho-

a sua vida a um valor muito superior: a liberdade dos outros". Ao evocarmos a sua memória, o testemunho do seu valor e entrega, ilumina as nossas vidas e estimula a nossa vontade de assegurar a paz, a estabilidade e a segurança internacionais. "E a passagem dos anos dá maior relevo e significado a esta comemoração nacional. O tempo pode atenuar as circunstâncias reais dos feitos que lembramos, mas aviva e torna mais nítidos os esforços da entrega dos combatentes". Não deixou de, em nome de Portugal, expressar o reconhecimento e gratidão aos heróis no antes e no agora e seus familiares. Citou Agustina Bessa Luís ao afirmar: debaixo desta abóbada lendária estão as esperanças de um povo que a lei da morte não venceu. Terminou a sua intervenção dizendo: é com elevado sentido de orgulho que como Comandante Supremo das Forças Armadas, presto hoje a minha homenagem aos combatentes do passado, aos combatentes de sempre e assumo firme e convictamente a missão de apoiar os combatentes de hoje e asseguro tudo fazer para que o espírito de D. Nuno Álvares Pereira se mantenha como modelo e guia dos combatentes do futuro.

há 55 anos se bateram em Angola e na Índia, em ações defensivas, na defesa das populações e dos territórios que então eram considerados portugue-

menagem ao lembrar aqueles cujas marcas de guerra perdurarão para sempre e aqueles que tombaram no cumprimento do dever, entregando



Terminadas as intervenções as Forças em Parada desfilaram perante a Tribuna de Honra após o que, Sua Ex.ª o PR e restante comitiva, se dirigiram ao Museu das Oferendas, onde assinou o Livro de Ouro da Liga dos Combatentes e teve oportunidade de observar a última Bandeira Nacional, trazida de Macau, pelo último Governador, General Rocha Vieira e entregue à Liga dos Combatentes. Posteriormente tiveram lugar na Sala do Capítulo as cerimónias programadas, com as Honras Militares aos Mortos Caídos em Defesa da Pátria, posto que as mesmas foram encerradas pelo Coro da Cruz Vermelha e a Banda do Exército que entoaram, respetivamente, o Hino da Liga dos Combatentes e o Hino Nacional. Finalmente houve lugar ao tradicional almoço de convívio no RA4, em Leiria. ■

Encontro Nacional de Combatentes

Cerimónias do 10 de junho no Forte do Bom Sucesso decorreram com disciplina, espírito de convívio e respeito pela cerimónia que sendo um convívio de combatentes homenageia também os camaradas falecidos em missão e cujos nomes estão inscritos nas lápides das paredes do Forte do Bom Sucesso.

Os presentes puderam observar o tradicional e diário render da guarda no Forte do Bom Sucesso, ouvindo-se o toque de silêncio e o Hino da Liga dos Combatentes, seguidos da rendição pela guarda da marinha que os substituiu nas cerimónias.

Bonito foi quando o helicóptero da Força Aérea derramou flores sobre o Monumento aos Combatentes e os presentes. O forte vento que se levantou no fim da manhã dificultou a descida dos paraquedistas que dão um toque de emoção ao encerrarem as cerimónias.

Na oportunidade, e entre outras intervenções, o coronel piloto Aviador Brandão Ferreira, dirigiu-se aos presentes, nos seguintes termos:

«A Constituição da República Portuguesa (CR), apesar de ser a mais extensa que tivemos, desde 1822, não encontrou espaço nos seus 296 artigos e sete revisões, para referir uma única vez a palavra “Nação” - a Nação dos Portugueses.

Já relativamente à palavra “Pátria”, a Constituição é mais pródiga: invoca-a, nada mais, nada menos, do que uma vez, mais concretamente no seu artigo 276, e cito “A defesa da Pátria é direito e dever fundamental de todos os portugueses”!

É sabido que a defesa da Pátria não se faz apenas de armas na mão; essa defesa pode e deve, estender-se a todas as áreas da atividade humana.

Mas convém não esquecer que a defesa armada é o último argumento, que se faz em extremo e pode implicar o sacrifício de bens, sangue e vida.

A Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas, por sua vez, continua omissa sobre a “Nação”, mas já fala duas vezes em Pátria; no seu artigo 9.º repete a fórmula da Constituição; e no Art.º 22 afirma perentoriamente que, “será assegurada de

forma permanente a preparação do País, designadamente das Forças Armadas para a defesa da Pátria”.

Ora haver Nação sem Pátria é curto; mas haver Pátria sem Nação, é impossível!...

Porém, não havendo aparentemente, Nação, o Estado, que é justamente a Nação politicamente organizada, representará, então, quem ou o quê?

Portugal é, todavia, uma Nação coesa, seguramente desde o tempo do esclarecido Rei, o Senhor D. Dinis; com as mais antigas fronteiras estáveis do mundo, mau grado o esbulho pendente de Olivença; formou um Estado Nacional Português, desde o tempo do preclaro Rei, Senhor D. João II e ganhou consciência que era uma Pátria, senão antes, garantidamente, depois de Camões ter escrito os Lusíadas!

E Camões – que também foi um combatente – não se esqueceu de, neles, referir a Nação – fê-lo, até, por sete vezes – e não foi avaro em relação à Pátria já que a evoca em 35 ocasiões!

E a obra de Luís Vaz – cuja morte neste dia também evocamos – foi-lhe tão superior e transcendente, que ele próprio se enganou ao dizer, pressentindo o fim, que “morria com a Pátria”, antevendo a ocupação castelhana.

O certo é que, a Nação que já era Pátria, sobreviveu aos 60 anos da Coroa Dual Filipina e passou a viver de vida própria, qual fénix renascida!

O que atrás se disse representa, pois, a dissonância existente entre o Estado e a Nação, que é a razão por que nós nos reu-



nimos aqui, desde há cerca de 25 anos, a comemorar o Dia de Portugal, honrando os combatentes, enquanto as figuras que ocupam transitoriamente as cadeiras do Poder – Poder que está hoje, maioritariamente, fora do País – estão sempre noutra parte. E quanto aos combatentes por norma, aos costumes dizem nada.»

Mais adiante, o orador referiu: «Parece que a frase, entre muitas, célebre, do grande português e militar, que foi o Tenente-Coronel Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque, de que “Portugal é obra de soldados” passou a estar na moda.

Mas estando ou não, na moda, essa frase foi sempre uma realidade, pois sem soldados – isto é, sem combatentes – não haveria território, a tal “nesga de terra debruada de mar”, no dizer de Torga; não haveria população; não haveria matriz cultural; não haveria segurança, não haveria Justiça, não haveria Bem-Estar, não haveria liberdade.»

E, noutra parte, regressando aos Lusíadas, disse o coronel Brandão Ferreira:

«Também deles falam “os Lusíadas” e não há estátuas, nomes de ruas, séries de televisão, condecorações, prémios, branqueamento da História, etc., que

possa apagar essa realidade da memória coletiva da Nação.

Pelo menos enquanto restar um português com algum saber, vergonha na cara, coluna direita e bem-querer na alma!

Caros compatriotas, o combate não terminou com aqueles que hoje homenageamos e enganem-se aqueles que julgam que não teremos de guerrear, novamente, ou que o terrorismo é apenas uma expressão de lunáticos contemporâneos, já que a sua origem remonta ao século XI, ao “velho da montanha” e à seita dos hashashin e, modernamente, em termos de terrorismo de Estado, à Revolução Francesa de 1789.

Temos que nos preparar para os combates do futuro.

Os nossos antepassados não andaram a trabalhar, a lutar, a edificar e a expandir o nosso país, desde 1128, para agora estarmos a alienar ao desbarato, a nossa soberania, a nossa nacionalidade, a nossa cultura (onde a língua tem um lugar de destaque), as nossas gentes, o nosso património e a nossa terra.

Para ficarmos escravos de dívidas perpétuas e enredados em leis alheias, ibanismos serôdios ou federalismos espúrios; sermos, eventualmente, submersos por vagas de estrangeiros, cujas matrizes culturais não estejamos aptos a integrar, sem perdermos a nossa; e a caminhar para, a breve trecho, não haver um Km2 de território em mãos portuguesas.

E, outrossim, por nos estarmos a suicidar colectivamente, por via de excesso de emigração, imigração, leis de naturalização erradas, quebra demográfica gravíssima e corrupção galopante.

Finalmente para sermos reféns de organizações sem rosto oficial, de carácter internacionalista e mais ao me-

nos secretas ou discretas, que ninguém elegera e que transformam, só por si, a Democracia e a Justiça, numa ficção.

E em vez das cinco Quinas passarmos a ter como símbolo o “Deus Mamon”.

Temos de olhar à nossa volta, acordar e reagir!

É que, como disse o tão mal citado Fernando Pessoa, “só existem Nações, não existe Humanidade”.

Caros compatriotas, esta cerimónia destina-se à exaltação da memória dos combatentes, nossos antepassados ou contemporâneos, mas destina-se também, aos que hoje vivem e a quem compete receber e passar o testemunho.

Pois deles é o futuro e, por isso, a quem compete refletir sobre o exemplo dos que caíram ou se sacrificaram no campo, que tem de ser da Honra, enquanto as imperfeições da natureza humana não permitem a erradicação da guerra e outras imoralidades, na eterna luta entre o Bem e o Mal.

Devemos, deste modo, curvar-nos, reverentes e obrigados, junto aos nomes daqueles que estão gravados nos muros deste memorial, que combateram nas últimas das centenas de campanhas ultramarinas que realizámos nos últimos seis séculos (não foram seis décadas...), fazendo jus ao Padre António Vieira que um dia disse que “Deus deu aos portugueses um berço estreito para nascer e o mundo inteiro para morrer”.

Evoco em nome de todos, aquele cujo nome figurou primeiro neste local: o do Subchefe da polícia Aniceto do Rosário, morto em combate, que na iminência de um ataque dos indianos disse ao Governador, “Parta V. Exª descansado que eu não deixarei ficar mal a bandeira portuguesa”.

E não posso deixar de dizer, com todas as fibras do meu ser, que eles lutaram bem, competente e vitoriosamente, numa guerra justa, em termos humanos e que, infelizmente terminou de forma trágica e não merecida.

Nesta luta fizemos frente à maior campanha montada a nível global e mundial, contra a Nação dos Portugueses, desde a Guerra da Restauração.

Nela chegámos a manter 230.000 homens em pé de guerra, em quatro continentes e três oceanos, a combater durante 14 anos, em três teatros de operações enormes, distantes entre si e da então Metrópole – que era a base logística principal – por milhares de quilómetros, sem fazer uso de alianças militares e sem generais ou almirantes importados, o que já não sucedia desde Alcácer-Quibir.

Usufruindo de uma logística notável – basta comparar com o que se passou com a nossa participação na I Guerra Mundial – que já não conseguíamos montar tão bem, desde que enviámos a terceira Armada, à Índia, comandada pelo João da Nova, em 1501!»

E, a terminar: «Toda esta ação, a todos os títulos magnífica, não encontra paralelo em nenhuma campanha contemporânea, mas foi apenas corolário daquilo que o escritor americano, James Michener, disse de nós e cito: “Nesses anos quando um soldado português desembarcava de um dos barcos da sua nação para servir num forte de Moçambique, ou em Malaca, ou nos estreitos de Java, já previa, durante o seu tempo de serviço, três cercos, durante os quais comeria erva e beberia urina. Estes defensores portugueses contribuíram para uma das mais corajosas resistências da História do Mundo”.

A estes se devem juntar todos aqueles e seus descendentes, que desde a tarde de S. Mamede, acompanharam o nosso pai, Afonso Henriques, e têm mantido o seu legado até aos dias de hoje.

Vou terminar com a melhor homenagem que podemos fazer a quem combateu e, porventura, morreu na defesa da terra dos nossos antepassados, e por tudo o que tal representa, incluindo o de que o seu sacrifício não possa ser considerado em vão.

Vamos todos em conjunto e em uníssono, darmos um grande e empolgante viva a Portugal.

Viva Portugal. ■





Cerimónia Militar no Terreiro do Paço

No Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa presidiu, no Terreiro do Paço, em Lisboa, à Cerimónia Militar evocativa da data e na qual estiveram presentes unidades dos três Ramos das Forças Armadas

Cerimónia Militar com a Banda da Armada a tocar o Hino Nacional e, em simultâneo, o Navio da República Portuguesa Sagres, fundeado no Tejo, a executar uma salva de 21 tiros.

Após a execução do Hino Nacional, o Presidente da República, acompanhado pelo Comandante das Forças em Parada, Contra-almirante Luís Carlos de Sousa Pereira, Comandante do



Presidente Marcelo Rebelo de Sousa foi recebido no Terreiro do Paço pelo Ministro da Defesa Nacional, Prof. Doutor José Azeredo Lopes e pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Artur Pina Monteiro. Deu-se então início à

Corpo de Fuzileiros, passou revista às Forças em Parada.

Com o Comandante Supremo na Tribuna Presidencial, teve lugar a Cerimónia de Homenagem aos Mortos que incluiu um sobrevoo de homenagem por uma esquadilha de aeronaves F-16 da Força Aérea.

Após a intervenção do Presidente da Comissão Organizadora das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, Professor Doutor João Manuel Gaspar Caraça é do Presidente da República iniciou-se a cerimónia de imposição de condecorações a militares, agraciados por se terem destacado no cumprimento de missões no âmbito nacional e internacional.

Foram condecorados três antigos combatentes. O 1.º Cabo Auxiliar Enfermeiro, António Vitório Barriga Alves Nunes da 3.ª Companhia de Caçadores do Batalhão de Caçadores n.º 4613, do Regimento de Infantaria n.º 16, em Angola, em 2 de outubro de 1974 com a Medalha da Cruz de Guerra de 3.ª Classe. O Soldado José António Baptista Santana do Agrupamento de Engenharia de Moçambique, em 3 de setembro de 1973 e o Soldado de Transmissões, António Maria Alves da Companhia de Artilharia n.º 3501, do Batalhão de Artilharia n.º 3876, do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 5, em Moçambique, em 18 de junho de 1974, com a Medalha da Cruz de Guerra de 4.ª Classe.

Foram ainda condecorados três militares no ativo. O Coronel, Técnico Operador de Comunicações e de Criptografia, Armando de Jesus Marques Leitão da Repartição de Informações Militares do Comando Aéreo, em 16 de março de 2016, com a Medalha de Serviços Distintos Grau Prata; o Sargento-Chefe, de Infantaria, José António dos Santos Gouveia da KFOR - Kosovo Force, em 15 de abril de 2016 com a Medalha de Serviços Distintos Grau Cobre e o Cabo, Telegrafista, Luís Alberto Vasques Lopes da Escola de Tecnologias Navais, em 3 de novembro de 2015 com a Medalha de Mérito Militar de 4.ª Classe.



O Desfile Militar iniciou-se com os meios da Marinha e apresentação da Força Naval fundeada no rio Tejo constituída pela fragata NRP Vasco da Gama, com um helicóptero Lynx MK 95, o reabastecedor de esquadra NRP Bérrio, com um helicóptero Lynx MK 95 e a corveta NRP António Enes. Ainda fundeado no rio Tejo estava o navio escola Sagres. Os dois helicópteros Lynx MK 95 da Marinha efetuaram um sobrevoo sobre a Tribuna Presidencial antes do desfile motorizado constituído por forças dos três ramos.

Seguiu-se um desfile de meios da Força Aérea, com sobrevoo de quatro formações de aeronaves. A primeira com um C-295M, um C-130 e um P-3C Cup Plus, a segunda com uma esquadilha de quatro Alpha-Jet, a terceira com uma esquadilha de quatro F-16 MLU e a finalizar um helicóptero EH-101.

As Forças em Parada desfilaram depois em continência ao Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas.

Iniciou o desfile o Bloco de Estandartes Nacionais, com uma Escolta de Honra constituída por uma Companhia da Escola de Tecnologias Navais da Marinha, a que se seguiram uma formação de Antigos Combatentes, um Batalhão

dos Estabelecimentos Militares de Ensino (alunos do Colégio Militar e do Instituto Militar dos Pupilos do Exército), um Batalhão dos Estabelecimentos de Ensino Superior Público Universitário Militar (Escola Naval, Academia Militar e Academia da Força Aérea), um Batalhão das Escolas de Formação dos Ramos (Escola de Tecnologias Navais da Marinha, Escola de Sargentos do Exército e Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea), um Batalhão da Marinha (Unidades Navais, Unidades em Terra e Corpo de Fuzileiros), dois Batalhões do Exército (Brigada Mecanizada e Brigada de Intervenção), uma Esquadra da Força Aérea (Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea), a Banda da Armada, uma Força de Fuzileiros da Marinha (Força de Fuzileiros n.º 1, Força de Fuzileiros n.º 2), uma Força da Brigada de Reação Rápida do Exército (Grupo de Comando, Destacamento de Cães de Guerra a 4 binómios, Força de Tropas Comando, Força de Tropas de Operações Especiais e Força de Tropas Paraquedistas) e uma Esquadra da Força Aérea (militares da Polícia Aérea do Núcleo de Operações Táticas de Projeção, de unidades de intervenção e esquadilha cinotécnica) que finalizou o Desfile Militar. ■

Abrantes

O Núcleo de Abrantes da Liga dos Combatentes celebrou no dia 12 de abril em Abrantes, o Dia do Combatente e 98.º Aniversário da Batalha de La Lys.

A cerimónia teve uma primeira parte no Jardim da República junto ao monumento aos Mortos da Grande Guerra e Memorial da Guerra do Ultramar. Deu-se início à mesma com o Hino Nacional em respeito ao ato celebrado. Seguidamente foram prestadas honras militares e deposta uma coroa de flores em homenagem a todos os combatentes que tombaram ao serviço da Pátria. Como segundo momento da cerimónia, foram convidados todos os presentes para se deslocarem ao Auditório da Santa Casa da Misericórdia. Neste local, o Presidente do Núcleo de Abrantes da Liga dos Combatentes, Sr. Sérgio Augusto de Matos, efetuou uma alocução alusiva ao evento. No momento seguinte



foram impostas as Condecorações aos sócios do Núcleo de Abrantes, Sr. Francisco Marques Rodrigues (serviu em Angola de 1966 a 1968) e Sr. José de Oliveira Diogo (serviu na Guiné de 1971 a 1973) as Medalhas Comemorativas das Campanhas das Forças Armadas Portuguesas. Aproveitou-se a ocasião para enaltecer os seus ilustres contributos à Pátria e, foram projetadas algumas fotos cedidas pelos

mesmos que contemplavam cenários de guerra. A Escola Superior de Tecnologia de Abrantes (ESTA) fez-se representar por alunos do Curso de Cinema e Comunicação Social. No final foi servido um lanche, confeccionado pelos alunos da Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Abrantes (EPDRA), que proporcionou um excelente convívio entre convidados, sócios, amigos e familiares. ■



Braga

O Núcleo Regional de Braga da Liga dos Combatentes comemorou, no passado dia 8 de abril, na cidade de Braga, o 98.º Aniversário da Batalha de La Lys, assinalando também o Dia do Combatente.

As cerimónias tiveram início com uma celebração religiosa na Basílica dos Congregados, com missa de sufrágio pelos combatentes falecidos.

Seguiu-se em cortejo até ao Monumento aos Combatentes, à Av.

Central que contou com um elevado número de antigos combatentes, entidades militares e civis.

Um pelotão do Regimento de Cavalaria N.º 6 prestou as honras militares, em homenagem aos mortos em combate com a colocação de uma coroa de flores junto do monumento.

Seguidamente, usou da palavra o Presidente do Núcleo que começou por agradecer com muita sinceridade a presença de todos na cerimónia, refe-

rindo a determinado trecho que «Os militares têm uma cultura própria, uma forma de estar na vida, um espírito peculiar que os leva facilmente à entrega, à aceitação do sacrifício, ao culto da camaradagem e da amizade, à retidão de intenção, à renúncia pessoal, à dedicação ao coletivo, ao amor a uma terra, a um povo, a uma cultura, à Pátria...»

A cerimónia terminou com o Hino da Liga dos Combatentes. ■



Oliveira de Azeméis

O Núcleo da Liga dos Combatentes de Oliveira de Azeméis, comemorou o seu 87.º aniversário. Esta cerimónia foi presidida pelo Sr. Joaquim Cabete, presidente do Núcleo da Liga dos Combatentes de Oliveira de Azeméis.

Após a apresentação da Força Militar, constituída por uma secção do Regimento de Engenharia N.º 3, ao Tenente-Coronel Francisco Cordeiro, foram prestadas honras militares de homenagem aos mortos, tendo sido depositada uma coroa de flores, junto ao Monumento dos Combatentes do Ultramar e respeitado um minuto de silêncio.

A cerimónia prosseguiu no auditório da Biblioteca Municipal, com a condecoração de dez combatentes da Guerra do Ultramar, com a Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas, e um combatente da Guerra do Ultramar, com a Medalha Comemorativa das Comissões de Serviços Especiais.

Foram agraciados com o Medalhão do Núcleo e o Testemunho de Apeço, os associados que completaram 25 anos de vínculo à Liga dos Combatentes.

Foi feita uma sentida Homenagem, a título póstumo, pela sua elevada de-

dicação, pela sua constante disponibilidade e pela excelência do grande Camarada que foi, o Sargento-Chefe Manuel Mário Velho Neves da Costa, Secretário do Núcleo da Liga dos Combatentes de Oliveira de Azeméis, falecido em 6 de novembro de 2015. Para o efeito, foi entregue o Medalhão do Núcleo, à Sr.ª Alexandra Teiga viúva do Sargento-Chefe Manuel Velho da Costa.

Após o encerramento da cerimónia, seguiu-se o almoço convívio que reuniu oitenta pessoas entre convidados e associados. ■

Figueira da Foz

O Núcleo da Figueira da Foz da Liga dos Combatentes colaborou, no dia 8 de maio, na realização da cerimónia de homenagem aos mortos pertencentes à CCS/BCAÇ 2907 da ex-colónia de Moçambique que prestou serviço nos anos de 1970/72. A cerimónia decorreu junto ao memorial de Homenagem aos Combatentes. O combatente Celestino Sereno, organizador deste



convívio, tinha ainda no programa uma missa e o almoço de confraternização com todos os combatentes e seus familiares no restaurante "Quinta da Sal-

manha". No próximo ano este convívio vai ser organizado em Rio Maior pelo combatente Carlos Canaverde com o contacto 914441554. ■

Alcobaça



Comemorou-se no dia 30 de abril, o 92.º aniversário do Núcleo de Alcobaça em que se reuniram cerca de 200 ex-combatentes e familiares.

As cerimónias iniciaram-se junto do Monumento aos Combatentes, com o hastear das bandeiras, deposição de uma coroa de flores e

guardado um minuto de silêncio. De seguida, foi servido um Porto de Honra na sede do Núcleo aos convidados. Pelas 11h, celebrou-se uma missa de sufrágio pelos Combatentes falecidos na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, pelo Reverendíssimo Padre Duarte Morgado e com anima-

ção litúrgica a cargo do Coro de Santa Maria de Alcobaça.

O almoço convívio foi servido na Quinta das Carrasças, tendo decorrido com muita confraternização e animação, com música ao vivo, culminando com belas vozes de fado acompanhadas por excelentes guitarristas. ■

Cantanhede



Integrado no programa de atividades para o ano 2016, o Núcleo de Cantanhede, marcou presença, com 52 pessoas no dia 22 de abril de 2016, nas Comemorações do Dia do Comando das Forças terrestres e do 38.º Aniversário da Brigada Mecanizada, que se realizou no Campo Militar de Santa Margarida. Presidiu às Comemorações o General Frederico José Rovisco Duarte chefe de Estado-Maior do Exército. A cerimónia militar entre muitos momentos, teve como ponto alto a entrega do Estandarte Nacional do 2BIMEC/FND/KFOR, pelas mãos do Comandante do 2.º BIMEC Tenente-coronel Carlos Macieira ao Comandante da Brigada Mecanizada, Major general Luís Nunes da Fonseca, é o resultado do final da sua missão no teatro de operações do Kosovo onde permaneceu seis meses.

A Brigada Mecanizada é a única força que dispõe de viaturas blindadas de lagartas. No fim da cerimónia militar teve lugar o almoço convívio que decorreu na Praia do Ribatejo. ■



Porto

Em 12 de abril de 2016, o Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes realizou as Cerimónias Comemorativas da Batalha de La Lys e do Dia do Combatente, na Praça de Carlos Alberto, no Porto, onde se encontra o Monumento aos Mortos da I Grande Guerra.

Após a Missa de sufrágio pelos Combatentes falecidos celebrada na Igreja dos Carmelitas, seguiu-se a cerimónia militar que constou da imposição de Medalhas Comemorativas das Campanhas da Guerra do Ultramar a 12 (doze) Combatentes sócios do Núcleo e da deposição de flores junto ao Monumento e Homenagem aos Combatentes falecidos. Este ato solene foi presidido pelo General Antunes Calçada e contou com a participação, para além do Presidente da Câmara do Porto, Dr. Rui Moreira, de Autoridades Cívicas, Militares e Diplomáticas, Antigos Combatentes e público. Um pelotão do Exército e Fanfara prestaram as Honras Militares.

Seguidamente realizou-se um almoço convívio na Messe Militar da Batalha onde estiveram presentes cerca de 80 sócios combatentes. ■

Coimbra

Realizou-se uma cerimónia de condecoração de Combatentes do Ultramar com a Medalha Comemorativa das Campanhas, esta teve lugar no Salão Nobre do Comando da Brigada de Intervenção - Exército, onde estiveram presentes os homenageados e suas famílias, militares da Brigada de Intervenção e elementos dos Órgãos Sociais do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes.

Foram condecorados com a Medalha Comemorativa das Campanhas no Teatro de Angola:

- Ex-Tenente Álvaro Fernandes Moreira "Angola 1961-63";
- Ex-Furriel Manuel Fabrício dos Santos "Angola 1961-63";
- Ex-1.º Cabo António Martins Coimbra "Angola 1964-65";
- Ex-1.º Cabo Carlos Arsénio "Angola 1965-67";



- Ex-Soldado Messias da Costa Gama "Angola 1965-67";
- António Augusto Pedro "Angola 1973-75", recebeu em sua representação por motivo de falecimento a Sra. Fernanda Pedro.
- Foram condecorados com a Medalha Comemorativa das Campanhas no Teatro de Moçambique:
- Ex-Alf. Adelino da Paula Henriques da Fonseca "Moçambique 1972-74";
- Ex-Furr. Manuel dos Reis "Moçambique 1971-72";
- Ex-1.º Cabo Augusto Pereira de Oliveira "Moçambique 1973-74";

- Ex-Soldado Manuel de Sousa "Moçambique 1969-71";
- Ex-Soldado Manuel Ferreira "Moçambique 1972-74".

Foram condecorados com a Medalha Comemorativa das Campanhas no Teatro da Guiné:

- Ex-Furriel Ovídio Gonçalves das Neves "Guiné 1971-73";
- Ex-Furriel Henrique Francisco Garrido "Guiné 1972-74";
- Ex-1.º Cabo Luís Fernando da Cunha "Guiné 1968-70";
- Ex-1.º Cabo Rolando Lagos Rodrigues "Guiné 1970-72";
- Ex-1.º Cabo Serafim Martins de Moraes "Guiné 1966-68";
- Ex-1.º Cabo João Braga Neves Varanda "Guiné 1969-71";
- Ex-Soldado Joaquim Gabriel Rodrigues Marques "Guiné 1970-72".

Após a cerimónia decorreu uma visita guiada à Unidade, ao que se seguiu um almoço convívio. ■

Torres Novas



O Núcleo da Liga dos Combatentes de Torres Novas proporcionou, aos combatentes e familiares, um passeio à Quinta da Bacalhoa em Azeitão, no dia 14 de maio. Chegados à Quinta da Bacalhoa fomos convidados a visitar as suas caves e apreciar a arte impressa em azulejo de diversas proveniências e culturas. Pudemos ainda

apreciar a arte africana bem como arte diversa de mobiliário. No final pudemos saborear alguns dos néctares produzidos nestas caves. Chegada a hora de almoço deslocamo-nos para um restaurante situado à beira do estuário do Rio Sado em Setúbal onde pudemos disfrutar de um faustoso rodízio de peixe. Após o almoço deslocamo-nos à emblemática Vila de

Sesimbra onde visitámos o Cabo Espichel. No final do dia pudemos degustar as saborosas sandes de leitão ao dispor dos apreciadores na cidade de Torres Novas. No final cantámos os parabéns e partimos o respetivo bolo de aniversário. Foi gratificante ouvir dos participantes os comentários no sentido de ter sido um dia bem passado. ■

Covilhã

Realizou-se no dia 6 de abril de 2016, a cerimónia evocativa dos 14 anos da inauguração do monumento em Tortosendo.

Estiveram presentes nesta cerimónia evocativa, o Presidente da Junta de Freguesia do Tortosendo - Dr. David Silva, e restante elenco, uma delegação do Núcleo da Covilhã da Liga dos Combatentes com o respetivo guião e os ex-combatentes daquela vila e da Covilhã.

Depois dos respetivos toques de homenagem aos combatentes falecidos, foi depositado um ramo de flores na base do respetivo monumento.

Foram proferidas palavras alusivas ao ato pelos Presidentes da Direção do Núcleo da Covilhã e da Junta de Freguesia do Tortosendo. O Presidente do Núcleo congratulou-se com a adesão de todos a esta cerimónia, tendo-se referido às diligências efetuadas para o melhoramento do monumento que gostaria de ver concretizado o mais breve possível, agradecendo à Junta de Freguesia todo o seu empenhamento. Em resposta, o Presidente da Junta de Freguesia retribuiu os agradecimentos pela presença do Núcleo e de todos os assistentes tendo anunciado o compromisso por parte da referida Junta de levar a cabo as obras pretendidas, apontando a data 11 de agosto do corrente ano para inauguração das mesmas, o que muito sensibilizou este Núcleo e todos os presentes.



Confraternização

Realizou-se na Quinta de Sta. Iria, à Senhora do Carmo, um almoço-convívio juntando os antigos e atuais elementos dos órgãos sociais do Núcleo: Mesas das assembleias-gerais, direções e conselhos fiscais.

Com esta atividade pretendeu a Direção criar um momento para homenagear todos aqueles que com o seu trabalho, quantas vezes à custa da sua vida profissional e familiar ou do seu merecido descanso, contribuíram para que o Núcleo atingisse, este ano, a bonita idade de 90 anos. E também lembrar os que, cumprindo o mesmo mister, já não se encontram entre nós.

A atividade começou na Adega da referida Quinta à entrada da qual dois diligentes "cobradores" recebiam dos participantes o respetivo preço.

Subiu-se depois para uma agradável sala onde se deu início ao almoço. Não sem antes brindar cada uma das senhoras presentes com uma rosa de significado especial e os atuais presidentes da Mesa da Assembleia-Geral

e Direção, terem dirigido algumas palavras orientadas para a ideia já atrás apresentada e tecendo considerações elogiosas ao trabalho feito pelos diferentes órgãos e pessoas a eles pertencentes.

Fez-se entrega ao Sarg-Ajudante José Luís Afonso, carta com o Louvor que lhe foi atribuído pela Assembleia Geral de Sócios, no dia 12 de março, tendo em atenção a dedicação que teve ao Núcleo nos últimos oito anos.

O mesmo agradeceu e disponibilizou-se para sempre que seja necessário.

Torneio Sueca

Decorreu de forma salutar, com amizade, extrema camaradagem, muito *fair play*.

Oito equipas que jogaram todas entre si, sob a orientação do associado Manuel Gomes, a quem se agradece o trabalho meritório, aliás, os participantes solicitaram a organização de outros eventos.

Uma tarde de sábado, fria, mas bem passada, em que todos ganhámos.

Deixamos o nosso obrigado a todos quantos participaram e a classificação para história futura.

- 1 - António Carrola / Francisco Trindade
- 2 - Alexandrino Rogeiro / Amadeu Almeida
- 3 - Manuel O. Gomes / Carlos Craveiro
- 4 - António Fonseca / Manuel Silva
- 5 - João José Esteves Silveira / Horácio Guerra
- 6 - Madaleno / Zeferino Morais
- 7 - João Guedelha / Fernando Figueiredo
- 8 - Carlos Pereira/José Abreu ■



Abiul-Pombal

Inserido no programa Liga Solidária e a exemplo de anos anteriores os sócios do Núcleo da Liga dos Combatentes de Abiul-Pombal, estiveram nos dias 9, 10 e 11 de maio em apoio aos milhares de peregrinos de todo o norte e centro de Portugal.

Foi mais uma ação cívica e de entreajuda levada a efeito com espírito de bem servir. ■



Leiria

No âmbito das comemorações do Centenário da Grande Guerra (GG), o Núcleo de Leiria da Liga dos Combatentes (NLLC) associou-se aos Serviços de Documentação da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) na organização de uma exposição "Ser Soldado" relativa à GG, no período de 16 de março a 30 de abril de 2016. A exposição contou com o apoio fundamental do sócio da Liga dos Combatentes, Dr. Célio Dias, que emprestou os materiais do seu museu particular.

No dia 5 de abril realizou-se ainda uma palestra subordinada ao mesmo tema. Começou com o Dr. Pedro Lila, da ESECS, que estabeleceu a ligação da biblioteca à exposição. De seguida, o TCor. Ley Garcia fez uma apresentação geral da Liga dos Combatentes e das atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Leiria. Seguiu-se a Dra. Dina Alves e a Dra. Alda Mourão, docentes da ESECS, que apresentaram o "panorama anterior às hostilidades e a inevitabilidade da guerra" e "as consequências do conflito". O Dr. Célio Dias terminou com uma breve explicação sobre a exposição. Após serem respondidas algumas questões colocadas pela au-



diência, seguiu-se uma visita guiada pelo Dr. Célio Dias à exposição.

Homenagem aos Combatentes

Na Vieira de Leiria comemorou-se o 25 de Abril com uma Homenagem aos Combatentes desta freguesia.

As cerimónias começaram na Biblioteca, presidida pela Dra. Neusa Faustino, com uma palestra sobre Stresse Pós-traumático pela Dra. Elisabete Ferreira, Psicóloga voluntária do Núcleo de Leiria da Liga dos Combatentes.

Seguiu-se o descerramento de uma placa evocativa do Centenário da Grande Guerra pelo Presidente do Núcleo da Marinha Grande da Liga dos Combatentes, Sargento-chefe

António Bizarro, e o Representante da Direção Central, Arquiteto Varandas Santos.

O apogeu da cerimónia foi a inauguração do Monumento ao Combatente pelo Presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande, Dr. Paulo Vicente, e pelo Presidente da Junta de Freguesia de Vieira de Leiria, Dr. Joaquim Tomé. Este monumento foi construído pelo Arquiteto Aquilino Ferreira e foi benzedo pelo Padre David Ferreira. A cerimónia de Homenagem aos Mortos foi prestada pelos militares da BA5. A neta do Presidente da Junta colocou ainda um cravo no cano da espingarda do monumento numa analogia com uma imagem que simbolizou o 25 de Abril de 1974. ■

Penafiel

Decorreram as Comemorações do 92.º Aniversário do Núcleo. Presidiu a este evento o Secretário-geral da Direção Central da Liga dos Combatentes o Coronel Faustino Alves Lucas Hilário.

Após a receção à entidade, procedeu-se à colocação de uma coroa de flores no Monumento com as Honras Militares prestadas por uma Secção do Regimento de Transmissões do Porto e pelos toques de Silêncio, Homenagem aos Mortos e Alvorada executados por um clarim. Devido ao mau tempo, esta Cerimónia teve continuidade no Salão Nobre do Município, com os eloquentes discursos do Presidente do Núcleo de Penafiel, Sargento-Mor Araújo, o representante do Município Dr. Rodrigo Lopes e o Secretário-geral da Direção Central da Liga dos Combatentes, Coronel Hilário, este último, muito sentido, emocionando os presentes pelo carinho demonstrado aos Combatentes e pela forma clara como expressou que os políticos são pouco sensíveis aos que lutaram e ainda lutam pela sua Pátria. Seguiu-se a entrega a três dezenas de Combatentes da Medalha Comemorativa das Campanhas de Angola, Guiné, Moçambique e Timor, os quais



manifestaram o seu reconhecimento pelo ato de que, finalmente, eram alvo. Foram também entregues "Testemunhos de Apeço" a Associados que completaram 25 anos de inscrição. Os presentes com emoção cantaram o Hino Nacional.

A seguir dirigimo-nos à Biblioteca Municipal para ver uma Exposição de fotografias de Eduardo Gageiro sobre o 25 de Abril, com uma retrospectiva feita pela Directora Dr.ª Adelaide Galhardo.

Como habitual, o almoço/convívio no Restaurante Ramirinho II, para degustação dos sabores regionais, que os comensais adoraram, assim como o gostoso bolo de Aniversário, oferecido pela Gerência da Padaria Real. Cantaram-se os parabéns aos 92 anos do Núcleo.

A terminar o Secretário-geral da Direção Central da Liga dos Combatentes Coronel Faustino Alves Lucas Hilário, visitou as instalações do Núcleo. ■

Viseu



Por iniciativa do Núcleo de Viseu da Liga dos Combatentes, teve lugar do dia 11 de abril de 2016, na Igreja de S. António, em Viseu as Comemorações do 98.º Aniversário da Batalha de La Lys. Esta Celebração contou com a participação do Regimento de Infantaria n.º 14, Centro de Apoio Social/IASFA/Viseu, Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública, Polícia Municipal, Associação dos Deficientes das Forças Armadas, Associação dos Combatentes Beirões e Associações de Comandos e Paraquedistas.

Após a Celebração Eucarística decorreu, junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra a Cerimónia Militar, com a presença de uma Força Militar de escalão Pelotão do Regimento de Infantaria n.º 14 e a deposição de uma coroa de flores. De seguida efetuou-se romagem ao Talhão dos Combatentes ao Cemitério de Viseu, onde teve lugar a cerimónia de Homenagem aos Mortos em Combate na Grande Guerra aí sepultados.

Vendas Novas

Organizada pelo Núcleo de Vendas Novas da Liga dos Combatentes, em parceria com a Câmara Municipal de Vendas Novas, decorreu, entre os dias 9 e 30 de abril de 2016, uma exposição fotográfica sobre o período da guerra do Ultramar. A exposição teve como tema a vida do dia-a-dia das unidades em campanha, abrangeu, fundamentalmente, os três principais teatros de guerra, Angola, Guiné e Moçambique, mas continha também algumas fotos de outras ex-províncias – Timor, Cabo Verde e Macau – e algumas fotos referentes às recentes Operações de Apoio à Paz.

As fotografias foram cedidas pelos Combatentes do Concelho de Vendas Novas e ao longo de alguns anos foram sendo selecionadas, ampliadas e recuperadas, formando um espólio de cerca de 450 fotografias. ■

Montijo



No dia 25 de Abril de 2016 decorreu a inauguração do Monumento de Homenagem aos Combatentes na Guerra do Ultramar.

O memorial, da autoria de Américo Dimas, foi inaugurado pelas mãos do secretário de Estado da Defesa Nacional, Marcos Perestrello, do presidente da Câmara Municipal do Montijo, Nuno Canta, e do presidente da Liga dos Combatentes, General Chito Rodrigues. Nuno Canta recordou que o monumento foi proposto por um grupo de montijenses composto por Américo Dimas, Emília Samoreno, António Machado, Manuel Alves, Joaquim Carreira Tapadinhas e o Tenente Coronel José Manuel Pedroso da Silva. ■



No passado dia 5 de junho, foi inaugurado, na Vila de Ribeirão, um Mural com um painel em azulejo alusivo à Guerra do Ultramar, junto ao Monumento de Homenagem às Mães e aos Combatentes do Ultramar, naturais daquela Vila, numa cerimónia promovida pelo Núcleo de Ribeirão da Liga dos Combatentes. O referido painel idealizado pelo presidente do Núcleo de Ribeirão e materializado pelo artista Fernando Jorge retrata a vida dos Combatentes do Ultramar nas

suas diversas fases da guerra. Localizado no Souto de Santa Ana, próximo da sede do Núcleo, na parte traseira do Monumento, vem enriquecer a envolvente e permitir uma leitura histórica da realidade dos factos do conflito, em que Portugal esteve envolvido durante mais de treze anos.

As cerimónias alusivas ao acontecimento tiveram início com a celebração de uma Missa de Sufrágio pelos Combatentes falecidos, na Igreja Matriz, celebrada por Monsenhor Manuel

Joaquim, que na homilia prestou homenagem à memória dos Combatentes, que deram a vida pela Pátria, destacando também a importância da Liga dos Combatentes na defesa dos direitos dos seus associados.

Seguidamente foram impostas medalhas das Campanhas aos Combatentes naturais de Ribeirão, que prestaram serviço nos diversos territórios ultramarinos portugueses.

Posteriormente, usaram da palavra o Presidente do Núcleo de Ribeirão da LC, Ferreira dos Santos e o General Chito Rodrigues, Presidente da Liga dos Combatentes.

Seguidamente teve lugar um almoço de convívio, num restaurante local, no decorrer do qual se assistiu à atuação do Rancho Folclórico Etnográfico da Vila de Ribeirão, interpretando com grande profissionalismo várias danças e cantares do folclore minhoto, que a todos encantou.

As cerimónias militares de homenagem aos mortos foram prestadas por uma Força Militar da Escola Prática de Serviços, que desempenhou com mérito a missão de que tinha sido incumbida. ■



15.ª Comp. de Comandos

Joaquim Patrício, divulga que o 48.º aniversário e almoço/convívio da 15.ª Comp. de Comandos (Guiné 1968/1970) realizou-se no restaurante "Viamar" em Alfeizerão no dia 7 de maio. De salientar a habitual presença do nosso Comandante General Garcia Lopes e do 2.º Comandante Fernando Robles que nos seus discursos enaltecera e desejaram continuidade do espírito destas iniciativas. Para o próximo ano o convívio será a 6 de maio no mesmo local. Contactos: Joaquim Patrício 965 187 770; 268 081 026; patricioestremoz@gmail.com ■



Polícia Militar 2026

Martelinho, sócio n.º 128.734, informa que o 25.º almoço/convívio da Polícia Militar 2026 realizou-se no dia 23 de abril em Silves. O almoço foi servido no restaurante "Recanto dos Mouros". A organização esteve a cargo do ex-furriel Mendonça. Os resistentes informam que o próximo está marcado para a bonita Vila de Figueira de Castelo Rodrigo. Contacto: 966 773 833. ■

Batalhão de Caçadores 503

Francisco Ribeiro Soares, sócio n.º 52.822, divulga que o almoço/convívio do Batalhão de Caçadores 503 (Angola 1963/1965) realizou-se no dia 4 de junho. O almoço foi servido no Restaurante "Giesta" em Areosa – Porto. A organização esteve a cargo de Jorge Fernandes. Contacto: 964 385 794. ■



C. Caç. 3357 / B. Caç. 3843

Rui Fernando Pimpão Pinto, sócio n.º 156.829, divulga que o almoço/convívio anual da C.CAÇ 3357/B.CAÇ 3843, realizou-se no dia 21 de maio em São João da Madeira. Ficou marcado o próximo encontro para o dia 27 de maio, a realizar em Rio Maior. ■

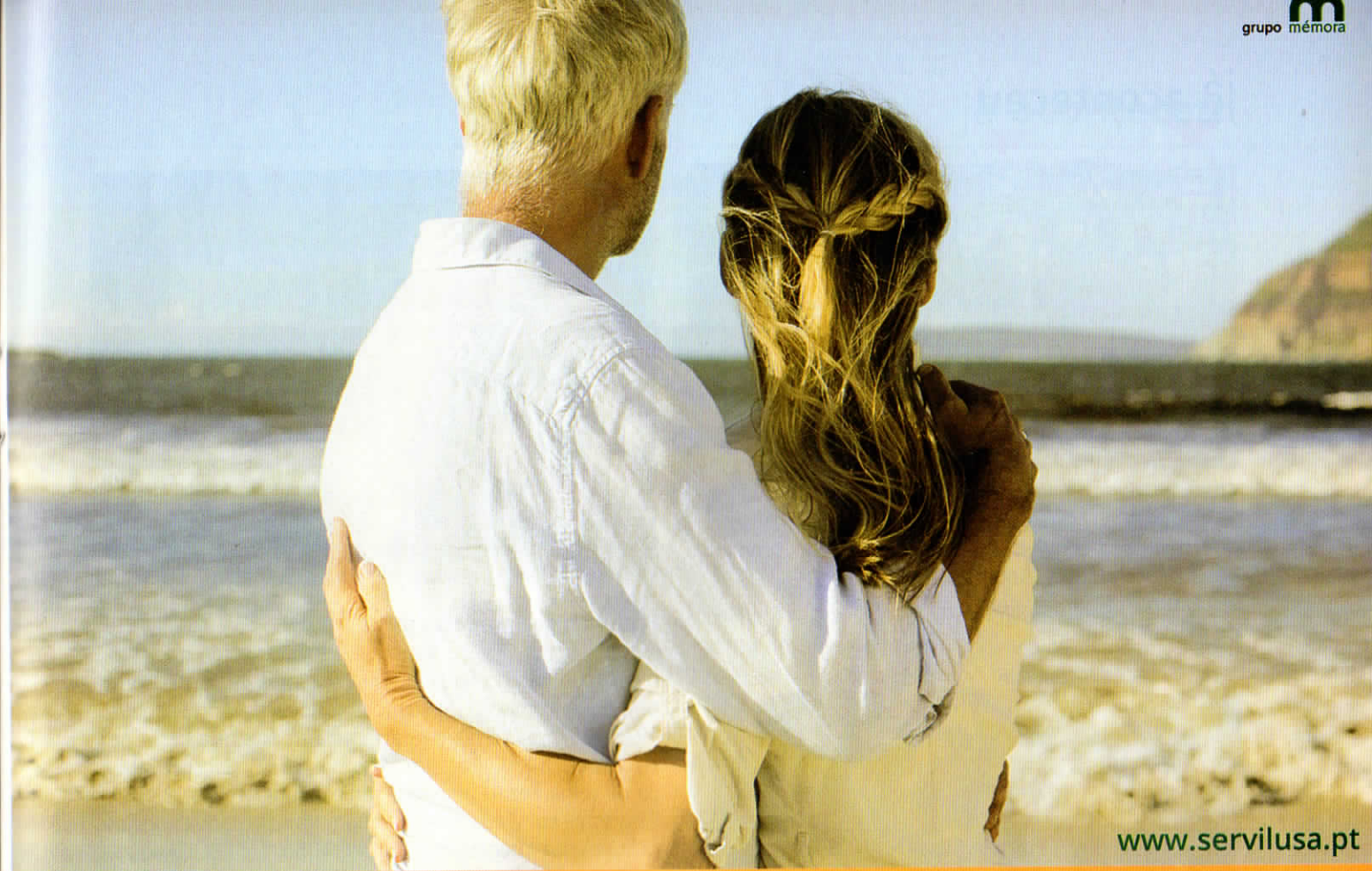


C. Art. 1656

Manuel António Catarino, sócio n.º 138.164, divulga que o almoço/convívio da C. Art. 1656 foi no dia 27 de fevereiro em Rio Maior. ■

C. CAV 2333

José da Costa Pereira, Tenente-coronel do Núcleo de Torres Vedras, sócio n.º 162.192, divulga que a C. CAV 2333 "Os Lidadores", comemorou o seu 46.º aniversário do regresso de Angola em almoço/confraternização, realizado no passado dia 30 de abril em Mala Posta do Carquejo, Mealhada. Contacto: Núcleo de Torres Vedras torresvedras@ligacombatentes.org.pt ■



www.servilusa.pt

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA ASSOCIADOS DA LIGA DOS COMBATENTES

Mais de
60.000
famílias
confiam na Servilusa

Nos momentos difíceis é importante ter ao nosso lado alguém de confiança. Talvez seja essa a razão que levou até hoje, mais de 60.000 famílias a escolherem a Servilusa para a organização e celebração de um funeral.

Disponibilizando-lhe uma equipa de profissionais que o acompanham continuamente nas suas escolhas e durante todo o processo de organização do serviço funerário, a Servilusa está consigo 24 horas por dia durante todo o ano, nos momentos mais difíceis.

Número Nacional Grátis | **800 204 222**

Serviço Funerário Permanente 24 horas



Servilusa
Agências funerárias

Consigo nos momentos difíceis



Companhia 1503

Francisco José Neto Marques, sócio n.º 136.210, divulga que o almoço/convívio do Batalhão 1878 – Companhia 1503 (Moçambique 1966/1968), realizou-se a 13-03-2016 em Fátima, para festejarem o 48.º aniversário da chegada de Moçambique. ■



CART 1656

Manuel António Catarino, sócio n.º 138.164, anuncia que o almoço/convívio da CART 1656, teve lugar em 27 de fevereiro em Rio Maior. ■



C. Caç. 759

Joaquim da Silva Rosa, sócio n.º 135.239 informa que se realizou o almoço/convívio da C. Caç. 759 no dia 6 de junho em Fátima no Restaurante 3-B. Contactos: 244 611 434 ou 912 276 210. ■



C. Caç. 1460

José Paulo Talento, sócio n.º 146.012, divulga que o almoço/convívio da Comp. Caçadores 1460 (Angola), teve lugar em Espinho. Contacto 962 843 009 jose.paulo.talento@gmail.com ■



Batalhão de Caçadores 4912

José Miguel Oliveira sócio n.º 128.012 divulga que o almoço/convívio do Batalhão de Caçadores 4912 que cumpriu a sua comissão de serviço no norte de Angola, entre 1973 e 1975, a CCS ficou estacionada em Nóqui, a 1.ª C. Caç. em M'pala, a 2.ª C. Caç. em M'pozo e a 3.ª C. Caç. no Cabeço da Velha. Fez 41 anos que regressámos, em 08-02-1975. Para estes convívios estão também sempre convidados os militares que integraram o PEL. MORT. 5075, o PEL. CAN. S/R. 4672 e o P. INT. 9276, unidades de apoio ao Batalhão, ao tempo estacionadas em Nóqui, cujos contactos gostaríamos de ver alargados por serem escassos.

Como sempre, teremos o convívio no Continente e o convívio na Madeira (origem do batalhão):

CONTINENTE:

Realizou-se a 28 de maio, sábado, o 24.º convívio, este ano, no Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes.

Contactos: José Gouveia Rodrigues: 938 350 994, José Oliveira: 964 775 686 josemfoliveira@gmail.com, João Lourenço: 963 847 069 e Horácio Ganança: 965 348 211. ■



Bat. 1911

Paulo Pagará, Sargento-ajudante do Núcleo de Évora, sócio n.º 169.047 divulga que os ex-combatentes do Bat. 1911 / Comp 1683 (Guiné 1967 / 1969) se reuniram em Fátima. Contacto: Núcleo de Évora evora@ligacombatentes.org.pt ■



C. Caç. 2504

José Aguiar, sócio n.º 123.721, ex-combatente da C. Caç. 2504 (Angola-1969/1971) informa que foi realizado o 24.º encontro de confraternização no passado dia 30 de abril no Restaurante Dom Abade em Santeira-Porto de Mós. Neste encontro, estiveram também presentes esposas e filhos fazendo já parte de uma grande família, onde as recordações é o tema principal. Para o próximo ano, o evento será no mesmo local, a 29 de abril de 2017, esperando podermos ir mantendo durante muitos anos este momento de festa e confraternização. Contactos: José Aguiar: 914 029 238; José Campos: 936 904 099. ■



C. Caç. TETE

António Batista, sócio n.º 108.794, divulga que no dia 2 de maio, se realizou no Restaurante do Barrete Verde em Alcochete o 1.º almoço/convívio da C. Caç. TETE, (de recrutamento provincial), que cumpriu a sua "longa comissão" de 1970/1974, na Guerra Colonial, em vários quartéis do distrito de Tete em Moçambique, nomeadamente em Vuende. Este encontro decorreu em ambiente de grande emoção, fraternidade e partilha de recordações dos bons e maus momentos passados naquela guerra, porque muitos dos presentes nunca mais se tinham visto. Ficou no ar o desejo de futuramente se realizarem mais encontros, e cada um se esforçar por encontrar mais "ex-Cacetenses". Sugeriu-se também que se utilize as seguintes páginas do Facebook: "Furancungo Tete Moçambique" e "Picadas de Tete", como meio de divulgação e procura. Informações podem também ser obtidas pelo TIm.: 914 912 404. ■



B. Cav. 627

Adelino Esteves Leitão, sócio n.º 157.415, comunica que no passado dia 9 de abril, teve lugar em Nelas, no restaurante "Os Antónios" o almoço/convívio comemorativo dos 50 anos da chegada a Lisboa do nosso Batalhão de Cavalaria 627, depois de 27 meses de comissão em Angola. São comemorações cada vez mais raras e com menos pessoas, porque os anos passam e cada um à sua vez, vai deixando esta dimensão na fé e esperança de outra melhor. Por todos os que já partiram e suas famílias, foi como temos feito todos os anos, celebrada Eucaristia na bonita igreja paroquial de Nelas. Foi um momento de saudade e de fé para todos, e foram muitos, os que quiseram comparecer. Seguiu-se o almoço no bonito salão do restaurante, o serviço à maneira da boa cozinha beirão, por todos, considerado muito bom. Apesar de passados 50 anos ainda compareceram 200 pessoas, entre ex-combatentes, familiares e amigos. Contactos: 966 264 910; adelinoleitao@net.pt ■



Comp. Caç. 536

Fernando Campos dos Santos Viseu, sócio n.º 80.053, divulga que a Comp. Caç. 536, que prestou serviço militar em Mutarara/Moçambique de Out. 1963 a Fev. 1966, à semelhança dos anos anteriores, os militares que integraram a Companhia reuniram-se num fraterno almoço na cidade da Guarda no dia 30 de abril. Este ano para também comemorar os 50 anos em que gloriosamente (galardoado com a Medalha de Mérito Militar) findámos o nosso dever nacional. fcsviseu@gmail.com ■



C. Art. 1407

João Ferreira, sócio n.º 152.946 divulga que a CART 1407 que serviu em Chimacongo (Angola 1965/1967), comemorou o 49.º aniversário do seu regresso com um almoço convívio em 07/05/2016 em Chão de Copuce, Ansião. Participaram 62 pessoas entre ex-militares e seus familiares. No próximo ano por altura do 50.º aniversário, vamos fazer em local a determinar com um porco no espeto. Quem quiser participar, contacte: João Ferreira 919 310 329; joao_ferr@sapo.pt ■



Batalhão 1871

António Miguel, sócio n.º 160.037, divulga que se realizou o 48.º almoço convívio do Batalhão 1871, "Lá vai aço" Centuriões e Companhias, C.C.S 1473-1474-1475, no dia 5 de março em Arganil. A organização esteve a cargo do Arménio Gonçalves e Américo Costa. Participaram cerca de 200 pessoas, ex-combatentes e seus familiares. Próximo almoço será em março de 2017, em Vila Nova de Cacela, no Algarve. Contacto: António Vidal 281 952 794; 914 512 628. ■



Companhia 1503

Francisco José Neto Marques, sócio n.º 136.210, divulga que o almoço/convívio do Batalhão 1878 da Companhia 1503 realizou-se no dia 13 de março para comemorar o 48.º aniversário da chegada de Moçambique (1966 a 1968). ■



C. Caç. 545

Carlos Pinto, sócio n.º 138.058, informa que o almoço/convívio da Comp. Caç. 545 que comemorou 50 anos da chegada à metrópole vinda de Angola onde permaneceu de 1963 a 1966 foi no dia 9 de abril. O almoço foi no Restaurante "O Regional" no Bombarral – Torres Vedras. A festa foi rija, pois já não nos víamos há 1 ano. Para 2017 o convívio será na Praia da Granja – Espinho, organizada pelo Completo e pelo Almeida. ■



C. Caç. 3386

Manuel Batista, sócio n.º 138.909, divulga que o almoço/convívio da C. Caç. 3386, realizou-se no dia 21 de maio, em S. Pedro Moel. Esta companhia serviu em Nambuangongo e Pereira d'Êça (Nehone e Cuvelai) de 1971 a 1973. Futuros contactos: Furriel Batista 244 503 221; Furriel Gonçalves 966 047 130. ■



CART 2671

Eduardo Joaquim Nunes Casares, sócio n.º 115.989, divulga que o 23.º almoço/convívio da CART 2671 (Angola 1970/1972), se realizou no dia 8 de maio no Empreendimento Turístico D. Nuno em Boleiros – Fátima. ■



B. Caç. 3843

Realizou-se no dia 14 de maio o 24.º encontro de ex-Combatentes do Batalhão de Caçadores 3843. No evento que teve lugar em Viseu, no hotel Grão Vasco, estiveram presentes mais de 100 pessoas, entre ex-Combatentes e familiares. A Comissão organizadora presidida por António Espírito Santo, informou os presentes que o próximo encontro teria lugar em Oliveira de Azeméis, no dia 20 de maio. Contactos: 915 054 700; ajesp Santo@gmail.com; bcac3843@gmail.com ■



C. Caç. 536

Fernando Campos dos Santos Viseu, sócio n.º 80.053, informa que o almoço/convívio da C. Caç. 536 que esteve em Mutarara/Moçambique de out.1963 a fev.1966, realizou-se no dia 30 de abril. À semelhança do que todos os anos tem sucedido desde que terminamos o compromisso patriótico militar em Moçambique, os militares que integraram a C. Ç. 536 reuniram-se num fraterno almoço na cidade da Guarda, este ano para também comemorar os 50 anos em que gloriosamente (galardoados com a Medalha de Mérito Militar) findamos o nosso dever nacional. Contactos: fcsviseu@gmail.com ■

Comp. Construções 1708

Artur da Silva, sócio n.º 47.065, divulga que o almoço/convívio da Comp. Construções 1708 (Angola 1967/1969) realizou-se no dia 11 de junho em Pateira-Óis da Ribeira – Águeda. Contactos: Raul Póvoa 917 358 471; Carlos Póvoa 917 434 717 e Elisabete 914 515 085. ■



C. Caç. Esp. 370

Em 4 de junho, na Anadia, reuniram-se os combatentes que pertenceram à Companhia de Caçadores Especiais 370, então comandada pelo capitão Chito Rodrigues, e os membros do comando de Agrupamento 7. Pela vigésima terceira vez, organizado agora pelo combatente Carlos Pina e família, reuniram-se os elementos daquelas unidades que serviram em Angola e na Guiné de 1962 a 1964. Junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra na Anadia, foram homenageados os combatentes por Portugal com a colocação de uma coroa de flores após o que o general Chito Rodrigues também presente fez uma intervenção alusiva ao momento.

Os combatentes e famílias dirigiram-se depois para um restaurante da região na Malaposta onde decorreu um animado almoço de confraternização com várias intervenções. A próxima reunião ficou já marcada para o próximo dia 17 de junho de 2017 na Azambuja. ■



C. Cav. 8453

Raul Coluna, sócio n.º 119.722, informa que a Companhia de Cavalaria 8453, "Os Felinos" que esteve em Angola de 1973/1975, Mamarrosa e Luvo, realizou o 31.º almoço no dia 7 de maio na Quinta do Barata, Gavião - Alto Alentejo. No próximo ano, ficou marcado para o último sábado de maio em Fátima. Será organizado pelo António Mucharreira e pelo Raul Coluna. Contacto: Raul Coluna raul.coluna@gmail.com ■

Mouzinho de Albuquerque

Uma vida singular



João Bravo da Matta

Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque, nasceu a 11 de novembro de 1855. Filho de José Diogo Mascarenhas Mouzinho de Albuquerque e de Maria Emília Pereira da Silva Bourbon, frequentou a escola Politécnica, o Colégio Militar, a Escola do Exército e a Universidade de Coimbra.

Detentor do curso de cavalaria da escola do Exército, foi promovido a Alferes em 1878; a Tenente em 1884; a Capitão em 1890 e a Major, em 1895.

Em 1886, foi nomeado Secretário-Geral do Governo do Estado da Índia. Em 1890, foi nomeado Governador do Distrito de Lourenço Marques, cargo que desempenhou até 1892, ano em que regressou a Lisboa.

Em 1894, regressa a Moçambique, comandando um Esquadrão de Lanceiros, com a finalidade de dominar as "rebeliões indígenas" no sul da Província.

Em 10 de dezembro de 1895, foi nomeado Governador Militar do Distrito de Gaza, prosseguindo a Campanha Militar para prender ou matar Gungunhana.

Em 28 de dezembro de 1895, tomou a povoação de Chaimite e prendeu o Chefe Vátua.

Em 6 de janeiro de 1896, entregou Gungunhana e os restantes prisioneiros ao Governador-Geral Conselheiro Joaquim da Graça Correia e Lança, em Lourenço Marques.

Em 13 de março de 1896, foi nomeado 77.º Governador Geral de Moçambique.

Em 27 de novembro de 1896, foi nomeado Comissário Régio.

Em 28 de setembro de 1898, foi nomeado, entre outros postos, para Ajudante de Campo Efectivo do Rei Dom

Carlos, Oficial-Mor da Casa Real, e Aio do Príncipe Real D. Luís Filipe de Bragança.

Em 3 de março de 1897 comandou a campanha militar de Naguema.

Em 6 de março de 1897 comandou a campanha militar de Mocutumudo.

Em 21 de julho de 1897 comandou a campanha militar de Macontene; Combate de Marracuene (02/02/1895); Combate de Manjacaze (11/11/1895); Combate de Chaimite (28/12/1895).

Reinaldo Frederico Gungunhana, nasceu em 1850, era designado Príncipe de sangue real, tinha por cognome "O Leão de Gaza". Reinou de 1884 a 28/12/1895, governando um território com cerca de 90.000 km² e com mais de 1.500.000 habitantes. Fixou a sua corte em Manjacaze desde 1884, que passou a ser a Capital de Gaza. Iniciou a governação com cerca de 34 anos.

A 11 de novembro de 1895, uma coluna militar portuguesa de 700 homens, comandada pelo coronel Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, entra sem séria oposição em Manjacaze (ou Mandlakasi) a capital do império de Gaza e a sede formal do poder de Gungunhana. Encontram o kraal abandonado com a quase totalidade da população em fuga.

Gungunhane entretanto refugiara-se em Chaimite, a aldeia sagrada onde está a campa do seu avô Manukuse, o fundador do Império de Gaza. Ali oferece sacrifícios humanos ao avô e a outros antepassados em procura de proteção divina.

Face a esta vitória, o Comissário Régio António Enes decide a captura ou a morte de Gungunhane, pretendendo cumprir a promessa feita aquando da sua partida de Lisboa e pôr termo ao receio de que o régulo pudesse reorganizar os seus exércitos e restabelecer a sua base de poder entre os povos nguni e seus aliados.

Para tal confere plenos poderes ao major de cavalaria Joaquim Augusto Mouzi-

nho de Albuquerque, nomeando-o, a 10 de dezembro, governador de Gaza, território que passa entretanto a constituir um novo distrito militar da colónia.

Ngungunhane, pressentindo a derrota procura aplacar os portugueses. A 13 de dezembro resolve entregar em Chissano, Gaza, o príncipe ronga nuã-Matidjuana caZixaxa Mpfumo (Matibejana ou Zixaxa), que perseguido pelos portugueses se acolhera sob a sua proteção. Com esta decisão aliena parte dos seus aliados, os quais a partir daí já não se sentem seguros sob a sua proteção e se apressam a prestar vassalagem aos portugueses. Como nem esse gesto consegue pôr termo ao conflito, resolve render-se, facto que foi sabido na Capelo nas vésperas do Natal de 1895.

Mouzinho de Albuquerque, percebe este gesto de desespero do Leão de Gaza, mas em vez de desistir da perseguição sente-se encorajado pelos sinais de fraqueza do adversário. No seu Relatório sobre a prisão do Gungunhana escreverá que "tinha-se enraizado no meu espírito a ideia que eu havia de prender ou matar o Gungunhana".

Encorajado pela crescente onda de vassalagens, Mouzinho de Albuquerque parte no dia de Natal com o objetivo de proceder à captura de Gungunhane, apenas acompanhado por dois tenentes, um médico e 49 praças portuguesas e duas centenas de auxiliares africanos. Nos três dias de marcha forçada que se seguem, juntam-se-lhe vários régulos que se oferecem para combater o monarca nguni. O único apoio possível são as forças da Marinha da canhoneira fluvial Capelo, que permanece em posição no Limpopo a aguardar o desfecho.

Sabendo-se perseguido, mas não sabendo a verdadeira força da coluna que marcha em sua direção, por duas ocasiões Gungunhane envia emissários ao encontro de Mouzinho com presentes e juras de amizade e arre-

pendimento para a coluna não avançar mais. Manda-lhe entregar uma vez 560 libras de ouro e alguns dentes de marfim, noutra é o próprio filho primogénito Godide quem traz mais 510 libras de ouro e 63 búfalos.

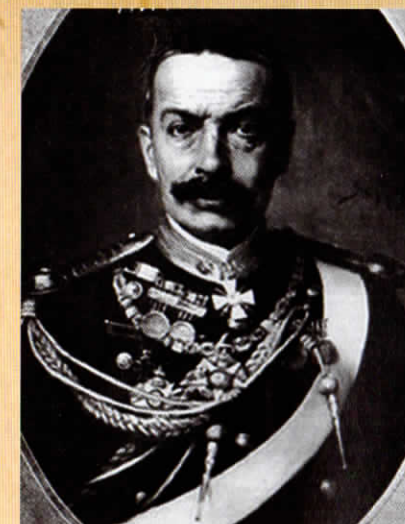
Não se detendo, na madrugada de 28 de dezembro de 1895, Mouzinho de Albuquerque chega frente às paliçadas de Chaimite.

Surpresos e atemorizados, os cerca de 300 guerreiros, armados de espingardas, da manga Zinhone Muchope (as Aves Brancas), não esboçam qualquer resistência e fogem. Esta fuga resultou de saberem que Gungunhane se iria entregar, facto conhecido havia já alguns dias.

Com Gungunhane capturado e humilhado, Mouzinho de Albuquerque ordena o fuzilamento imediato e sem julgamento do conselheiro (induna) Mahune e de Queto, um tio do imperador, os quais considera como sendo os principais instigadores da rebelião.

A forma como Gungunhane foi preso, o fuzilamento e a profanação dos cadáveres de Mahune e Queto e toda a mítica de heroicidade que depois se criou em torno do incidente de Chaimite, em particular no período do Estado Novo, deu origem a sucessivas polémicas, com leituras díspares sobre o mérito dos eventos. Logo em 1896 foi publicado no Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Moçambique (n.º 9, Suplemento) e depois no Diário do Governo (n.º 63, 1896) um longo relatório dos eventos, da autoria de Mouzinho de Albuquerque, onde a tônica dominante é a heroicidade portuguesa e perfídia vátua. Visão totalmente diversa é a de Soares de Andrea, que no seu longo relatório intitulado A Marinha de Guerra na Campanha de Lourenço Marques contra o Gungunhana 1894-1895, publicado nos Anais do Clube Militar Naval de 1897-1898, apelida o evento de Chaimite e tenta desmascarar a heroicidade de Mouzinho de Albuquerque como uma mera operação temerária perante um adversário que já se tinha efetivamente rendido.

A derrota de Gungunhane não faz cessar a resistência em Gaza. A repressão



colonial também não dá tréguas. É o próprio Comissário Régio a assumir nos seus relatórios a política de terror, fria e seletiva, que põe em prática para submeter a população. Um mês depois de Chaimite, é aprisionado o régulo Mahazul, e a 24 de fevereiro de 1896 o conhecido Finish que fustigava as canhoneiras portuguesas no Limpopo. Irmãos, filhos e tios de Gungunhane são executados, presos ou forçados ao exílio no Transvaal, de onde as autoridades portuguesas durante muitos anos procurarão obter a extradição. Igual sorte têm alguns dos régulos que tinham traído o seu Gungunhane e combatido contra ele em Coolela e Manjacaze.

A resistência sofre um novo golpe em 21 de julho de 1897 com a morte em combate de Magigwani, o valente régulo de etnia khosa, que fora o comandante dos exércitos do Leão de Gaza.

Deportação de Gungunhana

Gungunhana, em 13 de janeiro de 1896, em Lourenço Marques, foi deportado para Lisboa, por ordem do Ministro da Marinha e Ultramar de então, Jacinto Cândido da Silva, a bordo do Vapor "África", tendo desembarcado no destino em 13 de março do mesmo ano.

Em 23 de junho de 1896, Gungunhana embarcou rumo aos Açores, com viagem direta à Ilha Terceira, onde chegou no dia 27 de junho do mesmo mês.

Foi instalado na Fortaleza de São João Baptista na península do Monte

Brasil da Cidade de Angra do Heroísmo. Faleceu a 23 de dezembro de 1906, em Angra do Heroísmo.

Final da carreira militar e da vida

A posição crítica de Mouzinho de Albuquerque face à política e aos políticos da sua época, e aos rumores sobre o seu comportamento desumano durante as Campanhas Militares em Moçambique, levaram a que fosse envolvido num crescente clima de intriga.

Incapaz de, pela sua própria formação militar, resistir a esse clima de intriga, Mouzinho de Albuquerque preparou a sua morte, suicidando-se no interior de um "coupé", na Estrada das Laranjeiras, em Lisboa, no dia 8 de janeiro de 1902.

Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

Condecorações e homenagens públicas

Grande-Oficial da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito; Oficial da Ordem Militar de Avis; Grã-Cruz da Ordem do Império Colonial; Medalha de Ouro de Valor Militar; Medalha de Ouro de Serviços Relevantes no Ultramar; Cruz de 2.ª Classe da Ordem da Águia Vermelha da Alemanha; Comendador da Ordem de Leopoldo II da Bélgica; Comendador da Ordem de Carlos III de Espanha; Oficial da Legião de Honra da França; Comendador da Ordem de São Miguel e São Jorge de Grã-Bretanha e Irlanda; Comendador da Ordem dos Santos Maurício e Lázaro de Itália; Espada de ouro e pedras preciosas oferecida por Comerciantes do Porto; Patrono da arma de Cavalaria.

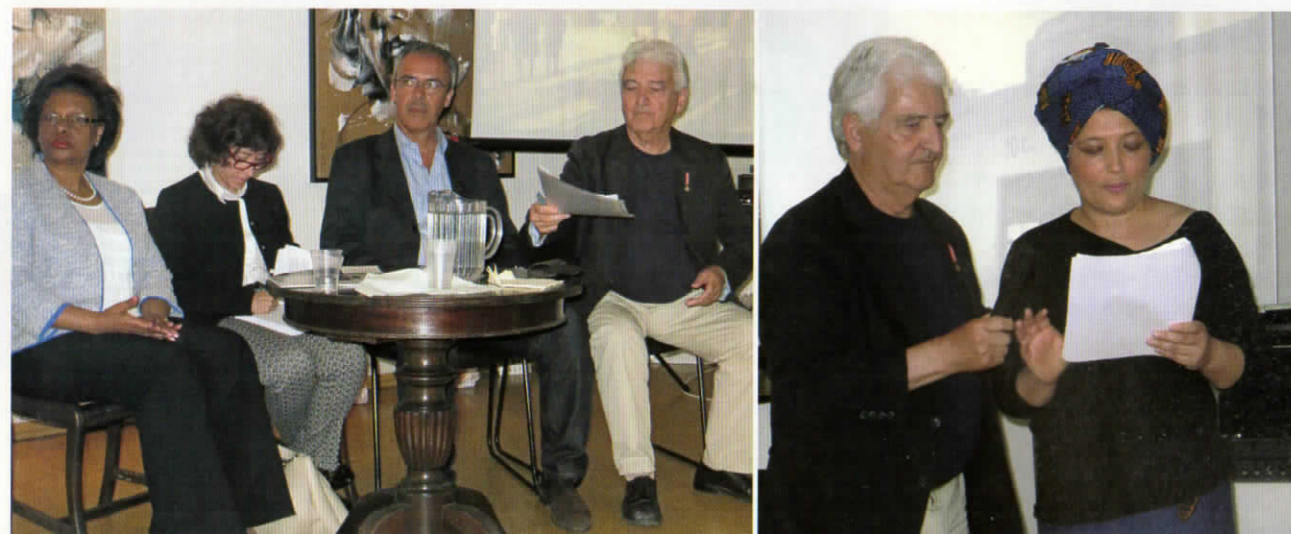
Estava representado na nota de 20\$00 Chapa 5 de Portugal e numa nota de 1.000\$00 de Moçambique e representado numa coleção de selos da Colónia de Moçambique e da Colónia da Índia.

O seu nome foi ainda atribuído a várias praças, ruas e avenidas de cidades portuguesas da Metrópole e do Ultramar.

Faleceu em 8 de janeiro de 1902 em Lisboa. ■

Tertúlia Fim do Império

15.º ciclo para **revisitar a memória**



O Programa Fim do Império encerrou o 15.º ciclo, dedicado aos oficiais agraciados com a Ordem da Torre e Espada, t. general Vasco Rocha Vieira e coronel comando tirocinado Raul Socorro Folques, em 2016.05.28. A 146.ª tertúlia Fim do Império e 61.ª em Oeiras realizou-se, excepcionalmente, num sábado, para integrar a comemoração do Dia de África, na Livraria Galeria Municipal Verney/coleção Neves e Sousa.

Integrou o lançamento de 5.ª edição do 2.º livro da coleção Fim do Império, Tempo Africano, aquelas longas horas, de M. Barão da Cunha. Inclui textos, nomeadamente, de generais Ramalho Eanes, Chito Rodrigues, Sousa Pinto, Tomé Pinto e Rocha Vieira, almirante Ribeiro Pacheco, coronel tirocinado Costa Matos, professor Coutinho Gouveia, engenheiro Anacoreta Correia e drs. João Aguiar e Beja Santos, entre outros...

A sessão integrou leituras de poesia do pintor luso-angolano Albano Neves e Sousa e de outros textos incluídos no livro, por 11 pessoas (seis senhoras e cinco homens): vice-presidente da Câmara Municipal de Oeiras (CMO), Carlos Morgado; Glória Torrado, município que viveu em Angola; dra. Margarida Barão da Cunha, também com

vivência em África; luso-moçambicana escultora Maria Morais; luso-brasileiro dr. António Carrelhas; vereadora da Cultura da CMO doutora Marlene Rodrigues; t. general Tomé Pinto; luso-angolana Paula Mota; professor Coutinho Gouveia; jornalista Maria João Aguiar (irmã do falecido escritor e município João Aguiar); e presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes, superintendente Isaias Teles.

Passaram-se diapositivos relacionados com a temática e estiveram exibidos originais de desenhos de Neves e Sousa que ilustram o livro, assim como a fotografia da capa, de Pedro Cunha (rapariga macua de Moçambique, Porto Amélia/Pemba).

Foi sugerido um maior envolvimento com estabelecimentos de ensino. Na realidade, o Programa ainda só esteve presente no Colégio Militar, em 2016.04.13, na 14.ª sessão extraordinária, com cerca de 140 presenças; sendo desejável tentar envolver, por exemplo, escolas do concelho de Oeiras, com apoio da Câmara Municipal, Academia Militar e Instituto de Estudos Superiores Militares.

Estiveram na mesa: por parte da CMO, vice-presidente, vereadora da

Cultura e técnica superior da Livraria dra. Maria José Rijo; embaixadora de Cabo Verde dra. Madalena Neves; representante da Liga dos Combatentes; e um total de cerca de 85 presenças contou, também, com dr. Offner Almada/vice-presidente da Associação Cabo-verdiana de Lisboa, sargento comando africano da Guiné Júlio Jakité (futa-fula); coronéis Manuel Bernardo, Martins Ares, Rui Marcelino, Serra Pinto, José Aparício, Vargas Cardoso e Ataíde Montez; drs. Vieira Pinto, Pais de Ramos e António Correia; eng. Mendes de Almeida; outros combatentes, como, Manuel Brito (soldado-condutor de viaturas blindadas dos Dragões de Angola, em 1961), major Fernando Lacerda e Pedro Maçarico (1.º cabo do Batalhão de Cavalaria n.º 705, na Guiné, 1964/66)...

Devido a motivos imprevistos, não foi possível contar também com a participação do encarregado de negócios de Guiné/Bissau, conselheiro dr. M'Bala Fernandes. Igualmente não puderam comparecer os generais presidentes da Liga dos Combatentes (Chito Rodrigues) e da Comissão Portuguesa de História Militar (Sousa Pinto), apoiantes do Programa, em conjunto com a CMO. ■

CAMPANHA MOBILIDADE ESPECIAL SENIORES

GRANDE OPORTUNIDADE



"Aproveite esta campanha especial nas soluções de mobilidade EGIRO para os assinantes revista O Combatente. Você merece ser feliz, merece viver sem dificuldades!"

SCOOTERS DE MOBILIDADE



Recuperar a sua vida agora custa muito menos!

As scooters de mobilidade elétricas trazem um nova liberdade e independência. Agora, sempre que quiser, pode ir às compras, ao café, passear e visitar os seus familiares ou amigos. Circulam em passeios.

POUPE ATÉ
1000€

**Para assinantes
O Combatente**

ELEVADORES DE ESCADAS

Os simples, seguros e modernos elevadores de escadas são a sua oportunidade de desfrutar do seu lar novamente!



**Para assinantes
O Combatente**

POUPE ATÉ
1000€



Elimina o risco de queda nas escadas
Muito fácil de utilizar
Funciona em caso de falha de energia
Suba e desça as escadas sem qualquer esforço

**EGIRO
MONTA
NUM
DIA**

NÃO CAIA NA BANHEIRA!

A banheira alta com porta permite entrar e sair da banheira sem esforço, sem necessidade de elevar as pernas!

Fazemos todo o trabalho.
Sem confusão e não necessita modificar a tijoleira. Removemos a sua antiga banheira.



**Fácil
entrar
e sair**

BANHEIRA ALTA com PORTA

- ✓ Base antiderrapante
- ✓ Assento incorporado
- ✓ Permite tomar banho sem esforço
- ✓ Alivia as dores
- ✓ Relaxa os músculos - ajuda o coração
- ✓ Promove um sono descansado
- ✓ Adapta-se a qualquer espaço de banheira



POUPE
500€

**Para assinantes
O Combatente**

Aproveite estas fantásticas oportunidades. Fale connosco, peça o guia de soluções de mobilidade.

**Para assinantes
O Combatente**

808 918 388

GRATUITO!

Nós vamos até si, sem custos nem compromisso! Vendas e serviço no continente e Madeira!

Campanha válida para os assinantes da revista O Combatente.





Painel de azulejo alusivo à guerra de África, uma iniciativa do Núcleo de Ribeirão